

Ianê intí iaçó cuhíre.

Mahã tahá reço remunhã ne roca opé?

Ixê xa çó xa maú (comer) xa iúmacé xa ikó.

Inê reço será tuxáua róca upe?

Ixê intí xa çó aápe; xa çó ce rendéra róca opé.

Inê reço será opaã-ára (todo dia) paraná opé?

Xa çó amũ ára (alguns dias); amũ ára intí xa çó.

Reiutumári será remahã (ver, conhecer) ce mũ?

Xa iutumári retê xa mahã ahé.

Reputári será cuhíre ne ruíua ita?

Intimahã xa putári iuíua; anhũ tenhê (porém) xa putári m'rapára.

Penhê reputári será cuhíre igára?

Intimahã reputári; iarekó recê ianê mahã.

Reputári será ixê? Intimahã xa putári inê.

Segurar, pitaçóca. Eu seguro, Ixê xa pitaçóca. Morrer, manõ; mover, iaqirári; poder, quáu; tomar, piçirú; pedir, iúrurê; amar, çaiçú; esperar, çaarú, ou çarú.

Inê reçaicú será ne mũ? Xa çaiçú ahé. Ne mũ çaiçú será inde? Intimahã oçaiçú ixê. Reçaicú ixê, será? Xa çaiçú inê. Auá tahá reçaicú? Iaçaiçú ianê rendéraitá. Mäháta remunhã putári quahá apgáua irúmo? Xa mahã putári anhũ ahé. Mäháta remehê ce rendéra arãma? Xa mehê ixupé iepé vestido. (A elle, a ella, ixupé).

IX

Emprestar. Nem. Acabar. Narrar. referir, contar. Novo, de novo. Dormir. Mudar. Tudo isso.

A quem você emprestou a sua roupa? Auá çupé tahá repurú ne mahã itá (mahã, cousa). — Intimahã xa purú auá çupé. — Você já acabou de fazer a canôa? Re umbáua ãna será remunhã igára? — O tuchaua vende a canôa delle? Tuxáua ovendére será igára? — Elle nem vende, nem dá, nem empresta: Intimahã ovendére, iuiri intí omehê, iuire intí opurú. — Você já vio a minha casa bonita? Remahãna será ce rúca poránga? — Eu já a vi: Xa mahãna. — O que conta de novo o seu irmão? Mäháta ne mũ ombéu piçaçú? — Elle não conta nada de novo: Intimahã ombéu mahã piçaçú. — Quando seu pai vai á cidade? Mairamé tahá ne páia oçó mairê ketê? — Elle vai amanhã Ahé oçó uirandê. — O que vocês vão fazer? Mäháta peço pemunhã? — Nós vamos fazer a nossa roça: Iaçó iamunhã ianê cupixáua. — Você conhece este homem? Requáua será quahá apgáua? — Eu conheço elle desde pequeno: Xa quáu ahé taína çuí ué. — Eu não conheço quem é elle: Intimahã xa quáu auá ahé. — O que você vai comprar? Manháta reço rep'repãna? — Eu vou comprar mantimento para levar: Xa p'repãna timiú xa raçó arãma.

O que você leva ahí? Manháta reraçó aápe? Eu levo

aqui muita cousa: Xa raçó iké mahã ceíia. — Elle mandou para você um recado? Omundú será qué-catú (recado) ndé arãma?—Elle me mandou: Ahé omundú. — Varrer: Piíre. — Você já varreu hoje a casa? Re-piíre ãna será oiíi (hoje) óca? — Eu ainda não varri hoje, porque não tive tempo: Intí xa piíri oiíi, inti xa rekó ára. — Você já mandou a farinha para casa de seu pai? Remundú ãna (já) será uhí ne paia róca keté? — Eu ainda a não pude mandar, porque não tive dinheiro para comprar: Intiraĩ (ainda não) xa mundú quáu mahá recé (porque) intiraĩ xa rekó cecuiára xa pĩrepãna arãma. — Eu faço muita cousa cada dia: Xa munhã reté mahã opain (todos) ára upé. — Cada dia eu como, ando, passeio, trabalho e durmo: A'ra iepé iepé xa maú (como) xa uatá, xa purauké xa kéri. — Tem tempo para fazer tudo isso? Rerekó será ára remunhã páua nhahã (tudo isso)? — Eu tenho tempo para fazer tudo isso e para fazer muito mais: Xa rekó ára xa munhã arãma reté mahã pĩre. — Mudar: Mutĩca, muçáu.

X

Achar, procurar. Em vez, em lugar de... Custoso. Conduzir. Escutar. Acender, apagar fogo.

Achar: Uacêmo. — Você achou o que você estava procurando? Reuacêmo será nhahã recicári uahá

reikó? — Eu achei outra cousa em lugar do que eu estava procurando: Xa uacêmo amú mahã xa cicári xa ikó uahá recuiára. — Aquillo que eu procurava não encontrei: Inti xa uacêmo nhahã xa cicári uahá. — Você me trouxe mandioca em vez de macachera: Rerúri ixé arãma maniáca macaxéra recuiára. — Você quer aprender lingua geral? Reiumuhé putári será tapia nhehenga? — Vamos aprender: Iaçó iaiumuhé. — Será muito custoso aprender lingua geral? Iuaçú reté será mira oiúmuhé nhehengatú? — Não é muito custoso: Intimahã iuaçú reté. — E' mais custoso entender: Iuaçú pĩre mira oquáu. — Fallando todo dia entende com facilidade: Rēnhehē ramé opaĩ ára upé requáu curutēuára; (curutē-uára, n'um instante). — Conduzir: Ceii. — Conduza estas cousas para a canoa: Reçejĩ quahá mahã itá igára keté. — Aprender: Iúmuhē. — Brincar: Muçaraĩ. — Você está brincando em vez de aprender? Reiumuçaráĩ reikó reiumuhé recuiára? — Eu aprendo em vez de brincar: Xa iumuhé xa iumuçaraĩ recuiára. — Este homem falla em vez de escutar: Quahá apgáua onhehē, oiapiçáca recuiára. — Acender o fogo: Mundĩca tatá. — Apagar o fogo: Muhéu tatá. — Acenda o fogo, porque está fazendo muita fumaça: Re mundĩca tatá; tatatinga reté recé. — Olha o fogo que está quasi apagando: Remahã, tatá uçu putári ãna (ãna, já). — Elle acende o fogo em lugar de apromptar a comida: Ahé omundĩca tatá omunhã recuiára temiú. — Elle está aprendendo

a fallar lingua geral: Ahé oiumuhê oikô onhehê nhehengatú.

XI

Exercício somente em nhehengatú.

Nê mû oiumutári será nê reçê?
 Reiumutári será ceçê?
 Xa iúmutari ceçê (delle).
 Tu/xáua ovendêre será iauára?
 Ahé ovendêre.
 Remundú será apucuitáua mîrá iupãnaçára (carapina) róca ope?
 Xá çô xa mundú.
 Repiiri (varreste) ãna será ôca?
 Ixê intí xa piiri: auá opiiri çê camarára.
 Auá tahá opîrepãna pirarucú nhahã itá xii (daquelles)?
 Nhahã cariuáitá opîrepãna.
 Auá tahá oceîí quahá tapiíra?
 Quahá curumî oceîí.
 Reiumuhê será?
 Ixê intí xa iúmuhe quáu.
 Manháta reiumuhê reikô?
 Ixê xa iúmuhe cariua nhehenga.
 Auá çúi taha reiumutári?
 Xa imutári opãî mahã catú.
 Reíucê será reú xicolate?

Intimahã xa iucê xii.
 Mahã çúi tahá brasileiro itá oiucê?
 Aitá oiucê opaî mahã catú uahá itá xii.
 Repirariî ana (já abriste) será nê røkêna? (porta)
 Intimahã xa pirári putári.
 Reçô putári será muracê a ketê?
 Intimahã xa çô putári ápe.
 Auá taá oruri iauára?
 Çurára paranapúra (marinheiro) oruri uãna.
 Mäháta remunhãna reikô?
 Ixê xa mûî xa ikô (estou rasgando) nhahã re muca-
 turú uahá (o que concertaste).
 Repîrepãna será catú uahá uhí?
 Xa pîrepãna catu reçê uahá.
 Reiumuhê (ler) será reikô?
 Intimahã; xa iumuhê xa iumuçarái recuiára.
 Reputári será kãwî café recuiára?
 Xa putári café kãwî recuiára.
 Auá tahá onhehê oikô?
 Mîrá iupanaçára onhehê oikô opurakê recuiára.
 Auá omuiaçúca kîçáua?
 Auá tahá omuiaçú (armou) oikô nê camarára?
 Mäháta remunhã reikô?
 Intamahã xa munhã xa ikô mahã.
 Mäháta reputári?
 Intimahã wahã xa putári.
 Xaputári mahã (alguma cousa).
 Mäháta reñhehê?

Intimahã xa nhehẽ mahã.
 Mãhãta remahã reikó?
 Xa mahã opaĩ (toda) mahã purãnga.
 Mãhãta pẽ putári?
 Iaiumuçárai putári.
 Reíumuhẽ será tapãa nhehẽnga?
 Ixẽ xa iumuhẽ; Ixẽ intimahã xaiumuhẽ.
 Inẽ tapãa o cariúã será?
 Ahẽ imac! oikó (elle está doente).
 Ahẽ icatú oikó (está são ou bom).
 Quahã paranã ipucú retẽ (é muito comprido).
 Quahã igãra iatúca retẽ (é muito curta).
 Inúca, tirar.
 ú café, beber café; ú ÿ, beber agua.
 Re ú ãna (já bebeste) será nẽ puçãnga (remedio)?
 Xa ú opaĩ pitúna pupẽ.

Quando, mairamé; agora, cuhẽre; logo, curumirĩ.
 Quem, auá; o que, mãhãta; onde, mamé.
 Quantos, mũẽre; como, mãi.
 Mãi tahã nẽ rera?
 Mairamé reiuẽre?
 Cuhẽre tenhẽ (agora mesmo).
 Mãhãta remunhã reikó?
 Mãi tahã nẽ paia rera?
 Crera Juãõ.
 Auá tahã oikó ápe?
 Intí auá (ninguem).

Dias da semana

Domingo, mituú, miteũ; segunda-feira, murakepẽ;
 terça-feira, murakẽ mocõĩ; quarta-feira, murakẽ
 muçapãra; quinta-feira, cupapãu; sexta-feira, iúcuacú;
 sabbado, saurú.

Não creio que verdadeiros selvagens dividam o mez em semanas, e menos ainda que os dias da semana tenham nomes. Os que ali ficam indicados são visivelmente o resultado do contacto com os brancos. Mituú, descanso; murakepẽ diz: primeiro trabalho, e assim por diante. Cupapau, carne acabou, ou quinta-feira; iúcuacú, jejum, ou sexta-feira.

XII

Exercício sobre os verbos: mostrar, fumar, contar, apagar, levantar, principiar, acabar, ser necessario etc. Uso destas expressões: boa vontade, sempre, quando, algumas vezes, etc.

Você me mostra sua casa? Remuquau mehẽ (*)

(*) Composto de nu, fazer, quãu, saber, mehẽ dar; dizem igualmente mucamehẽ.

purānga p̄re nhahā xii ou çuí. — Este homem é mais trabalhador do que aquelle: Quahá apgáua murakeçára p̄re nhahā xii. — Esta canôa é mais ligeira do que aquella: Quahá igára uatá p̄re nhahā xii. — Ixe catup̄re nhahā apgáua xii. — Xanhehē catupire ne xii!(*). Ne puxí retê opaĩ apgáua xii xa quáu uahá (tu és o peor homem que eu conheço). — Carregar: Puracári. — Carregue essa canôa com lenha: Repuracari quahá igára iapéá çuí. — Encha esse pote com mel: Repuracári quahá camutĩ íra çuí. Embarcar-se, iuruári; embarcar, ruári. — Embarque-se naquella canôa para me levar da outra banda: Reĩuruári nhahā igára pupé reraçó arāma ixé çuáindápe ketê. — Embarque essa caixa: Reruári quahá patuá.

XV

Exercício sobre estas expressões: de quem é? E' meu e teu, é nosso, etc. Verbos: andar nú, andar vestido, calçado, etc. Uso destas expressões: mais cedo, mais tarde. Verbos: casar, ir-se embora, vender, etc.

De quem é esta roupa? Auá mahā tahá quahá mahā itá? — E' de meu irmão: Çe mũ mahā. — Esta faca é minha: Quahá quicé çe mahā. — Este anzol é teu?

(*) Para não estar repetindo, note-se que tanto dizem çuí como xii.

Quahá piná ne mahā será? — E' nosso: Nhané mahā. — Põe ahi: Renũ ápe. — Ponha esse paneiro de farinha dentro da canôa: Renũ quahá uhí rerú igára upé. — Você anda nú na cidade? Reutá será çhĩrora ãma mairipe? — Eu ando vestido: Xa iumunêu uatá. — Calce o seu sapato: Remunêu ne pĩ recê ne sapatú. — Intira: carúca: Ainda não é tarde. — Coêma etê: Cedo. — Ainda é muito cedo para nos irmos: Coêma retê rain iaçó arāma. — Você sahe tão cedo como nós? Recêmo será coêma etê ianê iaué? — Eu saio mais cedo ainda do que vocês: Xa çemo coêma etê p̄re pehé xii. — Você dorme até muito tarde: Rekeĩre té euaracĩ ãuaté. — Eu saio mais tarde do que você: Xa çemo carúca p̄re pehé xii.

De quem é este menino? Auá mahā tahá quahá curumĩ mirĩ? — E' meu: Çe mahā. — Auá mahā tahá quahá matirĩ? — E' nosso: Nhané mahā. — Vosso irmão é tão rico como você? Ne mũ orekó será mahā maĩ ne iaué? — Elle é mais rico do que eu: Ahé orekó p̄re mahā ixé xii. — A tua espingarda é tão boa como a minha? Ne mukáua catú será maĩ çe mukáua iaué? — A minha é melhor do que a tua: Çe mahā catup̄re ne mahā çuí. — A vossa cachaça é tão boa como a minha? Ne kaĩĩ catú retê será çe haĩĩ iaué?

Quando você vai-se embora? Mairamé tahá reçó āna? — Eu vou amanhã cedo: Xa çó uĩrandê coêma etê. — Este homem é casado? Quahá apgáua omendaçára será? — Elle é casado e tem uma mulher muito boa:

Ahé omendaçára: ximiricó catuḡre reté. — A tua faca é maior do que a minha? Ne kicé turuḡú pḡre será ce kicé xii? — Ella é mais pequena: Ahé quaiara pḡre. — A como esses taberneiros vendem o pirarucú? Mūḡre rupi tahá quahá carinaitá ovendére pirarucú? — Aitá ovendére cepḡauaçú xii reté.

XVI

Algum dia, alguma vez, uma vez, para traz. Verbos: cavar, vigiar, embravecer, queimar. Cedo de mais; tarde de mais. Verbos pescar, alagar, espalhar.

Voçe algum dia vio o Curupira? Rḡmahã será amu ára opé Curupira? Uma vez eu já encontrei um no matto: Oiepé i (uma vez) xa uacemo iepé cahápe. Como é que elle é? Maiaué tahá ahé? Elle é um tapyia mirim santá paua. O Curupira tem o pé virado para traz? Curupira orekó será i pḡ çacaquēra (para traz) keté? Cada tirador de salsa tem um vigia por causa onças: Opain mira opecōin (cavar) uahá oikō salsa rapú (raiz), orekō iepé argáua omanhãna (vigia) arãma ahé iauára eté xii. Opecōin, cavacar. (Salsa iuḡua) o Cahipora só embravece quando queimão o couro de qualquer caça. Kahipóra onharú (ocarú) mira oçapi ramé mahã pirēra (pirēra.)

(*) Esta expressão é uma curiosa mistura de portuguez e tupi, vulgar no Amazonas e significa: é um tapuio pequeno todo duro.

Demais: retēãna. — Eu vim tarde de mais? Xa iúre será carúca retēãna? Não; você veio cedo demais: Intimahã; reḡuri coḡma retēãna. — Esta canôa é grande, para 4 pessoas: quahá ḡgara turuḡú reté erundḡ mira arãma. — E' tarde demais para nos irmos: Carúca retēãna iacō arãma. — Quasi sempre de tarde ha tempestade: Opḡin ára carúca ramé aiqé iuḡtú aḡua. — Um lugar muito bonito para se ir é a ilha da Cotyjuba. Rendáua (lugar) catú reté mira ocō arãma Cotijuba cahapōi. — Já é tarde demais para nos irmos: Carúca retēãna iacō arãma. — Ainda não é tarde; nos podemos ir bem. Intirḡin carúca; iacō quáu catú. — Agora não se póde quasi pescar no lago Arari por que os campos estão alagados: Cuhḡre mira inti opinaḡtica quáu catú Arari ipáupé maharecē ḡppie rain oikō cemḡua (semḡua beirada). — O peixe agora não está nem no lago nem nos ygarapés; está espalhado pelo campo: Piraitá kuhḡre inti oikō ipáua pupé, nem ḡgarapé pupé; oçai (espalhado) ipáua turuḡúçáua.

XVII

Verbos: fazer, dizer, pôr; isto, aquillo, elle mesmo, nós mesmos. Verbos: chamar, jogar fóra, apodrecer, quebrar, molhar, abrir, seccar, enchugar, tomar, dar, descansar, acreditar, rezar.

O que fizeste? Mäháta rḡmunhãna? — Não fiz nada:

Intimahã mahã xa munhãna. — O sapateiro fez os meus sapatos? Çapatú munhãngára omunhãna será çapatú? — Elle os fez: Ahé omunhãna. — Elle não os fez: Intimahã ahé omunhãna. — Pôr: Enũ. — O que você pôz ahí? Mäháta reênũ ápe? — Eu puz no bahu toda sua roupa: Xa enũ patuá pupé opáin ne mahã itá. — Dissestes as palavras? Renhehẽ ãna será munghãtaçãua? — Eu as disse a elle como você mandou: Xa nhehẽ i xupé mãi inẽ remunú uahá. — Isto: quahá. — Aquillo: nhahã. — Elle vos disse aquillo? Ahé onhehẽ inẽ arãma nhahã? — Elle me disse isto e não aquillo: Ahé onhehẽ ixẽ arãma quahá, intimahã nhahã. — Você disse a mim? Inẽ renhehẽ ãna ixẽ será arãma? — Eu não disse ao senhor: Intimahã xa nhehẽ ãna inẽ cupé. — Você disse a elle aquillo? Renhehẽ será ixupé nhahã? — Você é o irmão do meu amigo? Inẽ çẽ mũ camarãra será? — Eu o sou: Ixẽ ahé. — Eu sou elle mesmo: Ixẽ ahé tenhẽ. — Você é irmão do meu camarãda? Inẽ çẽ camarãra mũ será? — Nós o somos: Aitã tenhẽ nhané. — Você é pagé ou piloto? Inẽ paié será o iacumã pitãçokãu? — Onde estão os outros? Mamé tahã oikó amũ itá? — Eu não sei onde elles estão: Intimahã xa quãu mamé aitã oikó. — Vã chamar os outros: Reçõ reçenoĩ amũ itá. — A quem você está chamando? Auã tahã reçenoĩ reikó? — Eu estou chamando os outros: Xa çenoĩ xa ikó amũ itá. — Onde elles foram? Mamé tahã aitã oçõ ãna? — Eu não sei onde elles foram: Intimahã xa quãu mamé aitã oçõ

ãna. — Jogue fóra esse peixe que já está podre: Re ombúre (jogue) ãna quahã pirã ocãra keté (para fóra) iúca reããna (podre já muito). — Para o que você jogou fóra a minha flecha? Mahã reçẽ tahã reombúri okãra keté çẽ ruãua? — Porque ella estava quebrada e já não prestava: Mähã reçẽ opẽna uãna (estava quebrada) intiãna catú. — Abrir: Pirãri. — Abra essa caixa, tire a roupa molhada, e estenda no sol: Repirãri nhahã patuã reĩúuca nhahã irurú uahã oikó, reombúre cuaracẽpe. — Eu já abri a caixa; não ha roupa molhada: Xa pirãri ãna patuã; intimahã aiqúe mahã irurú. — Toda a sua roupa está muito enchuta: Opáin ne mahã itã oticãnga (enchuta) oikó. — Tome o remo d'aquelle homem e traga: Repicirú nhahã apgãua apucitãna irerúri. — Eu quiz tomar, mas elle não me quiz entregar: Xa picirú putãri; ahé inti omehẽ putãri. — Diga a elle que fui eu quem mandei tomar, para que elle possa descançar: Renhehẽ ixupẽ ixẽ xa mundú xapicirú kãri ahé opitnú (descançar) reçẽ arãma. — Tu acreditas em Deos? Reruiãri será Tupãna reçẽ? — Eu acredito: Xa ruiãri. — Se tu acreditas, como não rezas? Reruiãri ramé, mãi tahã inti reĩumuhẽ? — Eu rezo todas as noites: Xa iũmhẽ opaĩ pitũna ramé. — Eu tenho rezado desde pequeno: Xa iumuhẽ tãina reçẽ xii (taina, crianãa).

XVIII

Verbos: fazer, rasgar, passar, es-

vasiar o rio ou mar. Dentro, fóra.
 Verbos: mandar, levar, embarcar,
 carregar, limpar, aprender, deixar,
 ter certeza, frechar, ouvir, entender.
 Longe, perto.

Tendes alguma cousa a fazer? Rerəkō será mahā remunhā arāma? — Não tenho nada a fazer: Intimahā xa rekō mahā xa munhā arāma. — Que fizeste tu hontem? Māhāta remunhā kuecē? — Eu nada fiz: Intimahā mahā xa munhāna. — Rasgastes a tua roupa? Remūi será nē mahā itá? — Rasguei: Ixē xa mūi āna. — Qando foi a dansa? Maenramé tahá muraci? — Foi ante-hontem: Amú kuecē. — Tinha muita gente lá? Cetá será míra ápe? — Tinha muita gente lá: Cetá míra ápe. — O que fizeram com tanta fruta que eu vi passar para lá? Māhāta pemunhā opaī iuá xii xa mahā oçaçau uahá a ketē? — O que é que aquelle homem disse a você? Māhāta quahá apgáua onhehē inē arāma? — Elle me disse que o rio já está muito secco para nós fazermos a viagem: Ahé onhehē ixē arāma paraná otípáua retēāna iaçó arāma. — E você acreditou no que elle te disse? Nē ruviári será mahā onhehē uahá inē arāma? — Por que não havia de acreditar? Mahā reçē tahá intimahā xa ruviári? — Estais dentro ou fóra de casa? Reikō será oca pape, o ocára? — Eu estou fóra: Ixē xa ikō ocárape. — Algumas vezes estou dentro, outras vezes estou fóra: Amú ramé xa ikō ocapape; amu ramé ocárape. — Mandar

lavar: muiaçuca kári. — Mandar varrer: Piiri kári. — Mandar levar: Raçó kári. — Mandar embarcar: Ruái kári. — Mandar carregar: Çupiri kári. — Já mandei: Xa mundú āna. — Vou mandar: Xa çó xa mundú. — Hei de mandar: Xa mundú curi. — Limpe essa faca: Reiuçē nhahā kicé. — Já limpei: Xa iuçē āna. — Onde vocês deixaram a nossa gente? Mamé tahá pexári ianē míra itá? (Xári, deixar.) — Eu a deixei a dous dias de viagem d'aqui: Xa xári mokōi ára xa çéino ramé (quando, ramé). — Quem te emprestou essa canoa? Auá tahá opurú ndē nhāhā igára? — Foi o seu irmão: Ne mū. — Aprender: Iumuhē (iumuēn). — Eu quero ter certeza: Xa ikō putári çupí. — Certesa eu não lhe posso dar: Çupí retē uahá intimahā xa mehē quáu indē. — O que tu aprendeste quando estiveste na escola? Māhāta rei u muhē será mairamé reçó escola opé? — Bem pouco aprendi, porque o mestre era vadio: Intimahā xa iu muhē catú, māhá reçē çē iumuençára iatehēma retē. — Se você quizesse tinha aprendido: Reputári ramé reiumuhē reikó. — Como é que vocês podem frechar os pyrarucus? Mahí tahá pehē iumū quáu pirarucú? (frechar, iumū). — E' desta maneira: Quahá iaué. — Vocês viram as aldéas dos gentios? Re mahā āna será tapiça itá tauá? — Nós não vimos: chegámos perto: Intimahā iamahān; iaçca çuakē (perto, çuakē). — E' muito longe do rio? Apeçatú retē será paraná guí? — Não é longe, é perto: Intimahā apeçatú; ikē

nhũnto (iké nhũnto: aqui mesmo (*). — Que idade você tem? Mãire acaíú tahá rerekó? — Eu tenho 20 annos: Xa rekó 20 acaíú. — Seu pai que idade tem? Ne paia mãire acaíú tahá orekó? — Elle já é muito velho; eu não sei que idade elle tem: Ahé tuiué reté ana; intimahã xa quáu mãire acaíú ahé orekó. — Você ouvio o que eu te disse? Recenũ será mahã xa nhehẽ iné arãma? — Eu ouvi, porém não entendi: Xa cenũ; intimahã xa quáu. — Como não entendeu? Maíta inti requáu? — Não entendi porque eu não sei ainda bem fallar a lingua geral: Inti xa quáu mahareçẽ inti xa quáu rain xa nhehẽ catú tapjia nhehẽnga.

XIX

Fazer barulho, latir, bater, perder cheirar, cheiro, embravecer, etc.

Barulho: Teapú. — Perder: Canhũmo, caĩma. — Latir: Çacẽmo. — Que barulho é esse lá no rio? Mãhã tahã nhahã teapú paranã opé? — E' o barulho da pororoca: Pororóca teapú. — E aquelle barulho no mato? Nhãhã teapú tahã cahápe? — E' o Curupira que está batendo nas sapupemas: Curupira opeteca (otucá) mĩrá rapupẽma. (*) — Onde está aquella cuia vermelha que eu te

(*) Ike nhũnto, aqui no masque, tal é a traducção que os gauchos do sul dão a essa expressão.

(*) Rapú — raiz, pẽma chatã.

dei? Mamé tahã oikó cuia pirẽnga xa mehẽ uahã ndé? — Eu a perdi quando a canõa alagou: Xa mucaĩma igãra oiupipĩca ramé. — Vocês são muito descuidados; perdem tudo que se lhes dá: Penhẽ peiũmucũari nhahã míra omehẽ uahã penhẽ arãma. — Eu a perdi porque ella estava dentro da caixa, e não boiou: Xa mucaĩma maha reçẽ oikó patuã pupé; intimahã uĩre (não boiou). — Por que é que os cachorros estão latindo? Mahareçẽ iauáraitã oçacẽma? — E' porque elles sentiram cheiro de onça: Mahareçẽ aítã oçetũna iauarete pixé. — E aqui tem muita onça? Ikó reté será iauarete? — O barranco está cheio de rastos dellas: Quahã ibĩtura pipóra çui cetã. — E ellas agora são perigosas? Cuhĩre aítã (onharon) ipuxĩ oikó? — Nem sempre; se estão famintas são perigosas; mas em estando de barriga cheia são mofinas: Intimahã opãin ára opé; aítã iumacẽ ramé, puxĩ oikó; iapou (cheia, farta) ramé, pitũa aítã (pitũa, mofina). — Saltam na gente? Aítã opuri míra reçẽ? — A's vezes saltam: Amuramé opuri. — Onde você mora? Eu moro na ilha de Marajó. Mamé tahã ne rõca? Çẽ rõca cahapũ Maraió upé.

Cõres

Branco: Murutĩnga. — Preto: Pixũna. — Amarello: Tauã. — Vermelho: Pirẽnga. — Azul: Suĩkĩre. — Verde: Iakĩre. — Pardo: Iuĩre.

XX

Tocar, bater, morder, voltar, ficar, descascar, furtar. Lado esquerdo, lado direito. Procurar. Rio abaixo, rio acima, do lado de cá, do lado de lá, no meio, estás triste, etc.

Tocar: Ompú. — Bater: Tucá, ou nupã. — Morder: Quú. — Para que tocas o cão? Maréma tahá reompú nhahã iauára? — Eu o toco porque me mordeu: Xa ompú oçuú recé ixé. — Quanto tu me deves? Mznñre tahá re devère ixé? — D'aquí a pouco eu vou passear pelo mato: Curumirã xinga xa çó xa uatá cahá rupí. — Quando eu voltar fallaremos: Xa iúñre ramē ia iú nhehē. — E quando é que você volta? Mairamé tahá reiuñre? (Pauçape, no fim de). — Eu hei de voltar d'aquí a tres dias: Ixé xa iuñre curí moçapñre ára pauçape pupé. — O que o senhor fica fazendo lá? Mäháta ne repñlá remunhã aápe? — Eu fico por ficar: Xa pñtá xa pñtá recé. — Vagarosamente: Meué rupí. — Tres dias é muito tempo: Moçapñre ára ipucú reté. — E' muito tempo, mas passa depressa: Ipucú reté, oçaçuú (curutem) curutē. — Até onde você vai? Mamé catú tahá reçó? (Mamé catú até onde.) (*) — Eu hei de ir até Manaos: Xa çó curí Manáo keté catú. — Até quando

(*) Os que já tem contacto com os brancos servem-se mui commumente do vocabulo portuguez até, que commumente encurtam, dizendo te.

você fica lá em Manaos? Mairamé catú tahá repñlá mimi Manáo opé? — Isso eu ainda não sei por ora: Nhahã intiraín xa quáu cuñre. — Adeus, até amanhã: Tupãna irúmo, xa çó rain té uirandé. — Adeus, até depois de amanhã: Tupãna irúmo té amú uirandé. — Eu trabalhei até agora: Xa purauké té cuñre. (Puraque purauké, trabalhar.) — E eu descancei até agora: Xa pñtuú té cuñre. (Pituú ou mñtuú, descansar.) — Esta casa é nova? Quahá óca opñçaçuú será? (pñçaçuú, nova.) — Foi feita o anno passado e por isso é nova: Oiumunhã amú scaiú: çéçé pñçaçuú. — Quem me furtou a minha polvora? Auá tahá omundá çé mukáua uñí? — Foi aquelle caçador que a furtou: Nhahã cahamunucára, ahé omundáu ãna. — Qual caçador? Auá cahamunucára será? — Aquelle que passou por aqui hontem; é muito ladrão: Nhahã oçaçuú uahá queçé kirupñ, mundauaçú. — Você vai até o meio do caminho? Reçó será pe pitérpe keté? — Eu vou até o meio do caminho: Xa çó pé pitérpe keté. — Sua casa é do lado direito? Ne róca catuçáua xii será (catuçáua, direito)? — Minha casa é do lado esquerdo: Çé róca oikó puxí catuçáua xii (puxí catuçáua, lado esquerdo, ruim). — Nesse poço tem muito peixe? Quahá ñpauapñ pupé çetá pirá será? — Nesse poço tem muito; mas é muito fundo: Quahá ñpauapñ pupé çetá; teipñ reté. — Depois que você come o que é que faz? Remaú riri (riré) mäháta remunhã? — Depois que eu como, trabalho: Xamaú riri (riré) xa purauké (ou puraiké). —

Veio alguém me procurar? Oúri será amũ aná ocicári ixé? — Ninguém veio lhe procurar: Intimahã auã ocicári indé. — Eu esperava um homem que vinha me falar: Xa çarú iepé apgáua oúri uahá onhehẽ ixé. — Onde você vai caçar amanhã? Mamé tahá reço será cahamunũ u'randé? — Eu vou caçar rio a riba: Xa çó xa cahamunũ gahap'ra (para cima) keté. — Por que não caça rio abaixo? Mähá recé intí cahamunũ tumaçáua keté? (Tumaçáua, foz.) — Porque rio abaixo a caça já está espantada: Mähá recé tumaçáua keté çó iaquãu reteãna. — Onde você quer me esperar? Mamé tahá reçarú putári ixé? — Eu vou lhe esperar do outro lado do rio: Ixé xa çó ne çarú paraná upé amũ çuaxára. — Por que não me espera deste lado? Mahárecé tahá intí reçarú ixé quahá çuaxára çuí? — Porque nós temos sempre de atravessar o rio: Mahárecé ianẽ iaiaçãu tenhẽ curé paraná. — Por que razão você está tão triste? Mahárecé tahá çaçãra reté reikó? — Eu estou triste porque perdi o que mais amava: Xa çaçãra xa ikó mahárecé xa canhẽmo nhahã xa çaiçú reté uahá. — Tive a desgraça de perder minha irmã: Xa rekó ãna çaçã xa mukãju çé rendẽra.

XXI

Tingir, Córes, Parecer, deix: estar, precisar, chegar, dançar, cantar, to-

car, experimentar, pedir, perguntar, ser feliz, etc.

Todos fallam bem delle? Opaĩ mira onhehẽ será catú ahé çuí? — Todos fallam bem delle: Opaĩ mira onhehẽ catú i çuí. — De que cõr tingio você aquella vela? Mähí tahá remuquatiãra nhahã çutínga? — Eu a tingi de branco e preto: Xa muquatiãra murutínga çuí, pixúna çuí. — Antes tivesse tingido de azul e verde: Catú p're remuquatiãra ãna cuiçãra çuí, o iak'ra çuí. — Azul e verde de longe parece folha: Cuiçãra o iak'ra, apecatú çuí oiúquãu cahá iaué. — Então tingisse de vermelho e amarello; branco e preto é muito triste: Requatiãra ramé pirãnga çuí, tauá çuí; murutínga pixúna apecatú çuí, çaçã reté. — Agora tenha paciência, porque ella já está tinta: Cuhẽre tenupá (deixa estar) oiúquatiãri ãna. — O que eu vou fazer agora? Mäháta xa çó xa munhã huhẽre? — Agora tu debes ir ter com os teus companheiros: Cuhẽre reço quãu ne camarãra ruaké keté. — Você precisa de mais alguma cousa? Nde reputári rain será mahã? — Eu preciso de mais farinha; essa não chega: Xa putári p're uhí; nhahã nhũm intí oc'ca. — Não precisas; essa chega até voltares: Ir timahã reputári; nhahã nhũm oc'ca te reiniri: — Como se diz kaũĩ em portuguez? Mähí tahá mira onhehẽ kaũĩn cariua nheẽnga rupi? — Se diz caxaça ou agua ardente: Mira onhehẽ kaũĩ o itãia. — Este rapaz tem os olhos pretos? Quahá

curumã uacú orekô será ceçá pixúna? — Não, senhor, elle tem os olhos pardos: Intimahã; ahé orekô ceçá tuire (tuira). — De que você precisa em casa? Mahã çui reputári ôca opé? — Eu preciso de comida: Xa putári meiu çui. — Não precisa de mais nada? Intimahã será reputári mahã? — Preciso tambem de luz que não ha: Xa putári iure candêa. — Este homem é melhor do que aquelle? Quahá apgáua catupire será nhahã çui? — Por que elle é melhor? Mahã reçé tahá catú piri? — Porque é mais esperto para todo serviço: Mähá reçé ikirimáua p're opaã muraké arãma. — Quem chegou hontem lá em casa? Auá tocça kueçé ôca opé? (*) Eu fui o primeiro; depois de mim chegou o Antonio: Ixé xa çica tenonê; çé recuiára ocça Antonio. — E depois do Antonio quem chegou? Antonio riré auá tahá ocça? — Chegou aquelle seu companheiro chamado Leonardo: Ocça nhahã ne irúmoára çera Leonardo. — E depois delle quem chegou? Ahé riré auá tocça? — Chegaram muitos outros que não conheço: Ocça çetá mira intí mahã xa quãu. — O que foram fazer lá tantos homens! Mäháta ocçó omunhã aápe nhahã apgáua itã? — Depois de ter comido, dançaram, cantaram e tocaram viola até de madrugada: Aitá ou ramé, páua aitá opuracé, aitá onheengári, aitá omuhapú maraká, té çapucaia

(*) Auá tahá ocça—na ligeiresa da conversação o que se ouve é: auá tocça; por isso escrevemos o exemplo pela forma por que se ouve, embora essa não seja correctã.

onheengári. — Elles já experimentaram a canôa nova? Aitá omuçaiãna igára píçaçú? — Já experimentaram; anda muito bem com o vento: Aitá omuçaiãna; uatã catú reté iuzitú irúmo. — O que é que aquelle homem está pedindo? Mäháta nhahã apgáua oiururé oikó? — Elle está pedindo licença para entrar: Oiururé oikó licença oiké arãma. — Diga a elle que entre; a casa é franca: Rñhehê ixupé oiké arãma; ôca icatú reté. — Você tem tudo de que precisa? Rerékô páua mahã reputári uahã? — Eu tenho tudo de que preciso: Xa rekö opaã mähã xa putári uahã. — O que é que você está perguntando? Mäháta repuranú reikó? — Eu estou perguntando por onde é o caminho: Xa purandú xa iké mahã rupí pé será? — O caminho é por allí, ou por aqui: Pé nhahã rupí, ou iké rupí. — O que é que você vio por ali? Mäháta remahãna a rupí? — Eu vi muita cousa bonita: Xa mahãna çetã mahã purãnga. — Você não é infeliz; eu só vejo cousas feias: Indé intí panéma; ixé xa mahã nhúm mahã puxiuéra. — E' porque você não procura: Mahã reçé indé intí reçicári. — Bem que eu procuro; mas não acho: Xa çicári catú reté; intimahã xa uacémo. — Eu lhe digo que isso é cousa que não falta: Xa nhehê ne arãma mahã intí uatári.

XXII

Auto de baptismo de S. A. I. o príncipe do Grão-Pará.

Eu revia as provas deste trabalho quando foi publicado o auto de baptismo de S. A. I. o príncipe do Grão-Pará, que eu traduzi, publiquei na *Reforma* de 10 de Dezembro, e assentei de incluir aqui como uma recordação da época de elaboração deste livro, e como um exercício de lingua.

Na traducção de documentos de um povo civilizado na lingua de um povo bárbaro é necessario fazer as alterações exigidas pela differença de civilisação. Conservar-se fiel ao pensamento é tudo quanto póde fazer o traductor. Ponho de um lado a traducção e do outro o texto, que eu alterei ligeiramente para accommodal-o á indole de uma lingua fallada por um povo barbaro. O leitor confrontará uma cousa com outra.

Portuguez

No anno de 1875, depois que Nosso Senhor Jesus Christo nasceu, na imperial capella de S. Sebastião do Rio de Janeiro, reinando o Sr. D. Pedro II e sua esposa a Sra. D. Theresa Christina Maria;

Nhehengatú

Iané Iára Jesus Christo ocêma rirê, 1875 acaiü ramé, quahá S. Sebastião do Rio de Janeiro imperial Tupã-rôka miri upé, Jára D. Pedro 2º Muruxáua reté ramé, iüri xemirecô iára D. Theresa Christina Maria;

estando o bispo em seu lugar; abaré uaquê cendá pé;

na presença dos chefes e homens do governo da nossa patria, tuixauaruçú-itá, iüri nuakáraitá iané retámauára çuápe;

e na presença dos homens do governo de outras patrias, e na dos homens principaes que foram convidados; muakáraitá amú tetámauára çuápe; opa; auá-çtê-itá catú, oceano; uahá, çuápe;

como o outro baptismo, em artigo de morte, podia não estar regular, mai amú cerucaçáua inti ipó catú, ta'na omanô quáu ramé,

o bispo agora de novo baptisou e pôs os santos oleos em S. A. I. o Sr. D. Pedro de Alcantara Luiz Philippe Maria Gastão Miguel Raphael Gabriel Gonzaga, auaré-uaquê kuje oçarúcaãna, oenã kariua-ianã S. A. I. iára D. Pedro de Alcantara Luiz Philippe Maria Gastão Miguel Raphael Gabriel Gonzaga recé,

o qual nasceu ás 4 horas e 50 minutos da madrugada de 4 de outubro; ocêma uahá 15 ára outubro-iaçtê co'uma piranga ramé upé,

filho da princeza Sra D. Isabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Rafaela Gonzaga, Muruxáua reté raçira, iára D. Isabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Rafaela Gonzaga mehára,

e de seu esposo S. A. R. o Sr. D. Luiz Philippe Maria Fernando Gastão de Orleans, conde d'Eu; iü'ri i mēna çui. S. A. R. iára D. Luiz Philippe Maria Fernando Gastão de Orleans, conde d'Eu;

neto, pelo lado materno, do Sr. D. Pedro II imperador do Brazil, e de sua esposa a Sra. D. Theresa Christina Maria; temiärerú, i çtê rupí, iára D. Pedro II çui, Brazil Muruxáua reté, xemirecô çui, iára D. Theresa Christina Maria;

nelo, pelo lado paterno, de S. A. R. o Sr. Luiz Carlos Philippe de Orleans, duque de Nemours, e de sua esposa a finada Sra. duqueza Victoria Augusta de Saxe Coburgo Gotha.

Foi padrinho S. M. I. o Sr. D. Pedro II, e madrinha S. M. I. a Sra. D. Theresa Christina Maria. Para os povos saberem-no em todo tempo, eu, José Bento da Cunha Figueiredo, chefe nesta minha patria,

mandei fazer dous autos, um como o outro.

O Imperador e sua esposa puzeram seu nome no fim, aquelle como padrinho e esta como madrinha;

um auto para ser posto na capella imperial; o outro para ser depositado no archivo de nossa patria.

Eu puz o meu nome no fim. D: Pedro II, Theresa Christina, sua esposa. José Bento da Cunha Figueiredo. † Pedro, bispo.

temiärerú, túba rupi, S. A. R.—iára Luiz Carlos Philippe de Orleans cui, duque de Nemours, iúiri xemirecô amira—iára duqueza Victoria Augusta de Saxe Coburgo Gotha.

Tub' angáua S. M. I. iára D. Pedro II, e angáua S. M. I. iára D. Theresa Christina Maria.

Mira itá oquáu arāma, opaã ára upé, ixé José Bento da Cunha Figueiredo, tuixáua quahá e retāma upé,

xamunhã kári mokôã autos, iepé amã iaué:

Muruxáua reté iúiri xemirecô oenũ cêra opaucápe, túba-angáua iaué, e angáua iaué;

oiépé auto ombúri arāma imperial Tupārôka miri upé; amũ ombúri arāma ce retāma archivo pupé.

Ixé xa muapica āna ce rera opaucápe. D. Pedro II. Theresa Christina i xemirecô. José Bento da Cunha Figueiredo. † Pedro, auaré-uacú.

Alguns jornaes fizeram reflexões a esta traducção, das quaes passo a tomar em consideração duas, por interessarem ao assumpto deste livro.

Na *Nação* estranharam que eu não traduzisse litteralmente a expressão—corpo diplomatico. Effectivamente eu não a traduzi litteralmente, assim como não traduzi litteralmente as palavras: conselheiros de estado, deputados, senadores, e servi-me das expressões: *homens de governo da nossa patria, e homens de governo de outras patrias*; traduzindo em uma lingua viva me não era licito o uso de expressões que nella não são intelligiveis.

O espirituoso folhetinista do *Jornal do Commercio*, que se assigna com o pseudonimo de Caipyra, perguntou-me se eu, usando do vocabulo portuguez *baptismo*, julgava que o selvagem me entendesse.

Eu não usei do termo portuguez e sim da expressão tupi *cerúcaçáua*, que indica a cerimonia da imposição do nome ao recém-nascido. Certamente que o verbo *cerúca*, pelo qual os jesuitas traduziram a palavra *baptisar*, e o substantivo *cerúcaçáua*, *baptismo*, não indicam, entre os verdadeiros selvagens, a cerimonia christã. Tambem os mahometanos, budhistas, os antigos romanos não tinham o casamento christão, e nem por isso a palavra casamento é intraductivel em arabe, chinez, ou latim.

A reflexão recorda-me que em geral nós, os brasileiros da costa, pensamos que a lingua tupi só é

fallada por pagãos. Ha engano nisso; temos milhares de compatriotas christãos que a fallam, e que não fallam o portuguez, os quaes concorrem já com muitos milhões para a riqueza publica, pagam todos os impostos, inclusive o imposto de sangue. Na hora em que escrevo isto, tenho como auxiliar do trabalho das lendas, que vai adiante, um soldado do 2º regimento de artilharia, que quasi não falla o portuguez, e me diz que desde seus bisavós a sua familia é christã. Asseverou-me um medico do exercito que, aqui na côrte, morreu este anno de nostalgia um soldado que não fallava o portuguez, e chamava-se Patrocínio, do 2º regimento de artilharia. Em Mato-Grosso, Goyaz, Pará e Amazonas estes exemplos são numerosos. A raça indigena concorre para nossa riqueza, tem deramado o seu sangue em nossa defeza. Como raça civilisada e christã não devemos perder de vista estes factos, para podermos retribuir o serviço desses desherdados com educação, que gradualmente os eleve todos até o ponto do *ora et labora*, a que tantos delles hão chegado com tanto proveito nosso.

Como commentario linguistico, a proposito do vocabulo *cerúca*, ajuntarei o seguinte:

Compõe-se a palavra de duas raizes: *têra*, que significa nome em absoluto, e que, por ser vocabulo começado por *t*, faz *rêra* quando se refere a primeira

ou a segunda pessoa, assim: meu nome, *ce rêra*; e *cêra* quando se refere a terceira pessoa, assim: nome d'elle, *cêra*. (Regra exposta na pag. 41.) A raiz *uc* no Amazonas, *oc* no tupi da costa, *og* em guarani antigo, significa tirar uma cousa que é parte do corpo ou do todo de uma outra; as raizes, pois, significam: tirar o nome d'elle.

A razão desta singular etymologia prende-se ás idéas religiosas dos antigos tupís, os quaes pensavam que a alma do pai se passava para o filho, e que o pai era quem adquiria tantas vezes uma alma nova quantos filhos tinha, e, como o nome era o característico do individuo, o pai o transmittia ao filho e tomava um outro nome. Não era, pois, o filho quem adquiria um nome; elle continuava o de seu pai, assim como era supposto continuar-lhe a existencia; seu pai é que perdía o nome e d'ahi a razão da etymologia da palavra *cerúcaçáua*, tiragem, perda de nome.

Na recentissima obra do Sr. Bancroft (*The native races of the Pacific States*) vejo que a cerimonia do baptismo era para muitas tribus do norte da America o mesmo que era para nossos tupís, isto é: a perda do nome do pai, que continuava na pessoa do filho.

Perguntaram-me algumas pessoas se não havia arbitrio de minha parte em traduzir a palavra imperador pelo vocabulo *muruxáua reté*.

Não houve arbitrio; os indios civilizados, quando querem exprimir a idéa de chefe, empregam a palavra *tuixáua*; velhas tradições no Amazonas relativas aos Incas do Perú, verdadeiros imperadores, referem que elles eram designados pelos tupís e guaranis com a expressão *Muruxáua raté* (tupí) *Mburubixá* (fôrma guaraní da mesma palavra).

O padre Antonio Ruiz de Montoya, a mais competente autoridade neste assumpto, diz, a pag. 217 do *Tesoro de la lengua guaraní*, o seguinte:

• Mburubixá — compuesto de — *po* continens, y *tu-bixá* grande; el que contiene en si grandeza—principe, senhor. *Mburubixáb eté*, Rey. »

XXIII

Traducção do Padre Nosso

Não me parece que se devão traduzir os textos christãos litteralmente; e sim que se os deva accommodar á simplicidade, á infancia por assim dizer, de uma civilização que apenas começava. Conservar o sentido fielmente, e traduzil-o de modo que o selvagem entenda esse pensamento é tudo quanto se deve fazer.

A traducção dada pelos jesuitas no cathecismo que acompanha a chrestomatia do Dr. França é a seguinte, salvos os numerosos erros de impressão que eu aqui corrijo :

ORE' RUB

• Ore' rub *ibaképe* tecoára; imoeté p'ram ndé c'era

toikó; tour ndé Reino; ndé remimotára *ibipe* *ibákepe* onhemunhãnga iabé; ore' rebiú ára iabiondo ára ei-me'ng cori ore'be; ndé nhirón ore' angaipába recé; ore' recomemoaçára cupé, ore' nhirón iabé. Ore' moarocára imé tentatação pupé. Ore' pic'rom iepé mbae alba cuí. Amen Jesus. »

Não me parece que esta traducção dicesse ao indio o pensamento do padre nosso de modo que elle o pudesse razoavelmente entender. Mesmo debaixo do ponto de vista linguistico ella tem diversas faltas. Na primeira oração as expressões: *ikákepe* tecoára para significar morador do céu, devia ser: *ibakeuára*; não podia ter nem a posposição *pé*, nem ter o *teco* que fica ahi sem sentido; além disso, a expressão não seria apropriada, por que *uára* indica uma residencia de onde se tire o sustento, por que a raiz attributiva é — *ú* — que significa ingerir no estomago. A expressão que estaes no céu, deve ser traduzida litteralmente assim: *ikó uahá ibáke pé*, no tupí da costa, e no do Amazonas, como adiante diremos. Na segunda oração: imoeté p'ram ndé c'era toikó, encontro duas faltas: em tupí não é possivel usar dos verbos pessoaes sem os prefixos pronominaes, porque não terão sentido algum para os indigenas, pela mesma rasão por que não terão sentido para nós os verbos, se nós usassemos só das raizes sem as terminações, pois já vimos que taes prefixos desempenhão n'esta lingua o papel das nossas

terminações; é isto o que se encontra actualmente na lingua segundo o mostramos nas licções que precedem; o mesmo devia ser na lingua da costa, e é o que nos diz o padre Montoya sobre o guarani; sendo o verbo *moeté* pessoal, devia estar na terceira pessoa e na forma passiva isto é: *oiemueté*; se o verbo se acha ahí, como parece, empregado na forma do supino passivo então a traducção seria: *teo nome para ser santificado*, o que não dá cousa intelligivel. A segunda falta é: *ndé cêra*, em lugar de: *ndé rêra*, por que *cêra* só significa nome quando se refere a 3ª pessoa. Ha outras cousas que me não parecem certas e que provém do prejuizo em que estavam os antigos de que todas as grammaticas devião ser moldadas pela latina; em nada interessaria ao leitor apontar esses erros.

Na lingua do Amazonas a traducção que daria ao selvagem o pensamento da oração dominical seria a seguinte :

PADRE NOSSO	NHANE' RUBA
Pai nosso que estais no céu;	Nhané rúba oíró uahá iuáka opé;
Santificado seja o teu nome;	Ne rêra oiúmuité toikó;
Dai-nos o céo onde estás.	Remehe iané arāma iuáka, mamé reikó;
A tua vontade seja feita no céo e tambem na terra;	Né remimutára toiumunhã iuákapé, iu/re iu/pe;
Dai-nos hoje o nosso sustento de cada dia;	Remehe oiii iané arāma, iané remiú ára iepé iepé cuiuára;

Dae teu perdão ás nossas culpas, assim como daremos áquelles que forem culpados para conosco;

Não deixeis, Senhor, que façamos más obras.

Livrai-nos de tudo quanto fôr mal. Amen Jesus.

Remehe ne iirón iané angaipáua recé, maíaué iá mehe curi iané iirón aítá cupé intí omunhãna catú uahá iané arāma;

Intí rexári, iané Iára iamunhã puxi mahã itá.

Rep/cirú iané opã mahã ajuá qui. Amen Jesus.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Por muito incompleta que seja ainda a presente collecção, ella encerra o monumento mais authentico e curioso que se tenha até hoje publicado a respeito do elemento intellectual dos selvagens do Brazil, pelo que eu supponho que ella attingirá ao futuro mais remoto.

Diante das narrações, ainda mesmo dos viajantes mais graves, é licita a duvida porque ninguem ignora quão profundamente os factos podem ser alterados por elementos provenientes do juizo daquelle que nol-os narra, e de seus meios de informação, sempre tão difficeis quando se trata de saber d'aquillo que pensavam povos cuja lingua o historiador não conhecia.

Diante de textos originaes d'esses povos a duvida desaparece, e seu obscuro mundo moral se revela tal qual é ás investigações da sciencia.

D'ahi o ardor com que a positiva e energica raça anglo-saxonica tem investigado e colligido os textos originaes das raças primitivas do centro e interior da Africa, da Asia e da America.

Eu tive a ambição de ser o colleccionador das lendas

(*) Esta introdução foi lida nas sessões do Instituto Historico o anno passado, e se bem que ella se não refira ao estudo da lingua me parece que seu assumpto interessaria ao estudante da lingua aborigene por tratar da authenticidade e valor dos textos que elle passa a examinar.

aborigenes do Brazil, e venho trazer a esta associação os primeiros fructos d'esse trabalho.

A historia natural do homem, que faz o objecto especial da anthropologia, divide-se naturalmente em duas secções:

- 1.ª Aquella que trata das qualidades physicas das differentes raças.
- 2.ª Aquella que trata das mais fundamentaes manifestações moraes.

Entre as manifestações moraes, tem merecido particular attenção dos sabios as idéas religiosas e a mythologia das differentes raças.

O anno atrazado tive eu a honra de ler, perante esta respeitavel associação, as primeiras investigações respeito á theogonia da mais numerosa familia selvagem sul-americana.

Depois disso tive necessidade de fazer uma viagem ao Pará, e d'alli á foz do Amazonas, e assentei de aproveitar a oportunidade para estudar novos factos.

Como eu houvesse empregado quasi todo o anno de 1873 em estudar a fórma amasonica da lingua tupi, com a qual consegui familiarisar-me, achei-me preparado com o principal e mais indispensavel instrumento para observação de mythos que, entendendo com aquillo que cada povo tem de mais intimo, escapam quasi completamente á observação dos viajantes, emquanto não poderem fallar a lingua do selvagem. Pude assim conseguir parte da preciosa mythologia zoologica da familia tupi. Confrontando depois essas lendas com outras que eu ouvira em Matto-Grosso, como direi adiante, firme-

o juizo de que ellas eram communs á familia tupi-guarani, e além de conter um codigo de moral, são preciosos documentos para investigar-se o que é que constituia o fundo geral do pensamento humano, quando o homem atravessava o periodo da idade de pedra.

O que venho, pois, trazer ao conhecimento desta associação, são curiosas paginas de uma litteratura que d'aqui a alguns annos terá desaparecido, porque ella não se conserva em monumentos escriptos, e sim na tradição dessa pobre raça aborigene, que, pela inflexivel lei da selecção natural, ha de estar dentro em alguns annos perdida e confundida dentro da nacionalidade brazileira.

Esta primeira collecção é ainda muito incompleta; o trabalho de colleccionar estas cousas é muito difficil: todo aquelle que tem lidado com homens selvagens, terá conhecido por propria experiencia o quão pouco communicativos são elles em tudo quanto diz respeito ás suas idéas religiosas, suas tradições, e suas lendas didacticas. Elles têm medo que o branco, o *cariva*, se ria d'elles, e, entre os selvagens, assim como entre nós que nos julgamos tão superiores a elles, o amor proprio é a força moral preponderante.

MYTHOLOGIA ZOOLOGICA

O Sr. Angelo de Gubernatis, professor de sanscrito no Instituto superior de Florença, publicou em Londres uma obra, hoje tradusida em francez, na qual demonstra que as tradições populares entre os povos da Europa decorrem todas dos Vedas, e são ex-

plicações symbolicas d'aquelles phenomenos astronomicos que mais impressionaram a humanidade primitiva.

Antes de ler essa curiosa confrontação eu estava muito longe de suppor que a Maria Borralheira dos contos populares do Brazil, e que perde o seo chinello, é o écho remoto, conservado pela tradição oral do povo por mais de seis ou sete mil annos, da deusa Aurora do Rig Veda, a qual era tão veloz que um dos hymnos vedicos a denomina *apād*, a donzella sem pés ou sem calçado.

Assim como muitos dos mythos populares do Brazil são mythos vedicos, assim tambem muitos são mythos tupís.

Quem viaja o interior das provincias de S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto Grosso ouve constantemente historias em que o Saci Cererê, o Boitatá, o Curupira, como nos o chamamos, ou o Curupim, como o chamam paraguayos e cuyabanos, representão importante papel na vida do homem. Esses mythos tupís confundem-se aqui nas tradições populares com os mythos vedicos de que acima fallei. E isto mostra que:

Neste immenso cadinho da America, ao passo que se fundem e se amalgamão os sangues dos grandes troncos da humanidade, fundem-se e amalgamão-se tambem suas idéas moraes, por uma lei de conservação confiada a esse operario inconsciente e tenaz, a memoria e a tradição do povo illitterato.

Ao passo que as pesquisas dos sabios se vão alargando sobre o animal homem, vai-se descobrindo uma lei que conserva por assim dizer a unidade do typo nas

produções do espirito, assim como conserva a unidade de typo physico apesar da variedade das raças. As idéas moraes fizeram sempre o seu caminho pelos mesmos processos, e si notamos entre os povos tão grandes diferenças, é porque raros coexistiram no mesmo gráo de civilisação.

Na raça aryanna e suas derivadas os mythos são a explicação symbolica e poetica daquelles phenomenos metereologicos que mais impressionavam a humanidade, e são, ao mesmo tempo, poematos didacticos onde, sob a fórma de um episodio quasi sempre vestido de dialogos singelos, se ensina uma verdade moral. E' corrente hoje a explicação de todos os mythos pela theoria chamada solar.

Aos que quizerem investigar esse assumpto remettemos á obra do citado Sr. Gubernatis—*Mythologie Zoologique*, Pariz 1874.

Eu estava muito longe de suppôr que existisse nos selvagens do Brazil, que attingiram a tão pequeno gráo de cultura intellectual, um systema mythologico identico em substancia ao systema dos Vedas.

Coma eu espero que este assumpto ha de ser largamente discutido no futuro, seja-me licito narrar as circumstancias em que ouvi taes mythos e a fonte de onde os colhi. Durante a guerra do Paraguay eu viajava uma noite no rio Paraguay a bordo do vapor *Antonio João*, e conservava-me no passadiço, debaixo do qual um grupo de marinheiros, que não estavam de quarto, distrahia-se em contar historias; um delles, apellidado *Para tudo*, descendente dos indios *cadeuêus*, contou

uma serie dellas, em que o jabuti representava o principal papel; de quando em vez elle repetia em lingua geral algum aphorismo que não podia traduzir em portuguez por fórma tão laconica como a em que elle o fazia na propria lingua. Foi esta a primeira vez que minha attencção foi despertada sobre mythos nacionaes.

As circumstancias desses tempos não eram taes que eu dispuzesse da calma necessaria para estudar esses mythos. Notei no entretanto que entre as taes historias havia um thema singular, o qual consistia em mostrar o jabuti, que aliás é um dos animaes mais fracos de nossa fauna, vencendo aos mais fortes quadrupedes, a custa de astucia e intelligencia.

Apezar de ter notado isso, é muito provavel que taes impressões se tivessem apagado de uma vez no meu espirito, a não ter sido a viagem que fiz á fôz do Amazonas de que acima fallei.

Em dias do mez de setembro do anno de 1874, tendo eu de fiscalisar o serviço de navegação a vapor em ilhas da fôz do Amazonas, parei no Afuá, logar onde se abrigam todos os barcos que navegam para o Amapá e Guyana, e onde havia n'esse dia um consideravel ajuntamento de tripulações.

Ahi ouvi pela segunda vez as lendas do jabuti, e ouvindo-as em logar tão distante do Paraguay, veio-me pela primeira vez esta idéa: não serão estas lendas fragmentos da velha litteratura tupí, que, como a dos gregos, egypcios e hebraicos, foi muitos annos conservada pela tradição, visto que por outro meio era impossivel, pois não tinham a arte de escrever?

Posteriormente, voltando ao Pará, eu repeti uma das lendas a um indio mundurucú que era marinheiro a bordo de um dos meus vapores, o Aruã, o qual por sua vez narrou-me algumas das que aqui estão colleccionadas.

Chegando ao Rio de Janeiro, eu communiquei o facto ao Sr. professor Carlos Frederico Hartt, e soube com vivo prazer que elle havia encontrado as mesmas lendas no Tapajós, que as julgava velhas tradições astromicas da familia tupi, motivo pelo qual elle tambem colligira algumas; ainda não vi a colleção do illustre professor; sei porém que é em outro dialecto, o que tem o grande merito de offerecer algumas das mesmas historias em texto differente d'aquelle em que eu as encontrei, e de assim fixar, não só sua authenticidade, como seu character de generalidade.

O Sr. Professor Carlos Frederico Hartt publicou recentemente um folheto com o titulo: *The Amasoniam Tortoise mythes*, mythos do jabuti no Amasonas.

Apoiado na theoria chamada solar elle interpreta alguns desses mythos, mostrando que elles são theorias astronomicas dos antigos selvagens americanos, onde o jabuti representa de sol, e o homem de lua. Eu dei ao Snr. professor um resumo em portuguez das minhas lendas do jabuti, e eis aqui por suas proprias palavras a enterpretação que elle dá a um dos mythos, a pagina 17 do seo folheto: diz elle:

Dr. Couto de Magalhães gives me the following story, wich I will entitle — the Jabuty that cheated the man — Segue o resume do mytho — concluindo elle

acrescenta: — *So that we have here, once more repeated, the story of the race between the slowe tortoise or sun, and the swift moon or nan—*

Eu não estou habilitado para acompanhar o illustre professor nestas investigações; não conheço os mythos zoologicos dos Vedas senão pela exposição que d'elles faz o Sr. Angelo de Gubernatis.

Por esse motivo eu me limitarei a encara-los debaixo do ponto de vista linguistico e didactico. Ninguem ainda publicou estes mythos em original tupi, e pois eu creio que presto não pequeno serviço a philologia patria e á anthropologia, dando-os agora á lume, embora o meo trabalho não passe do de simples colleccionador.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO PENSAMENTO PRIMITIVO

Além do interesse que a seguinte colleção offerece como monumento linguistico, ella é o testemunho do que pensava a humanidade em certos assumptos, quando atravessava o periodo da idade de pedra, em que se acha ainda o nosso selvagem.

Se a colleção não houvesse sido feita em tempo como o presente, em que a lingua tupi ainda é cõmmum no nosso povo, sobretudo na bacia do Amazonas, estas lendas havião de despertar no futuro tanta discussão como a que despertou os poemas de Homero, os Niebelungen, os poemas de Ossian, porque: si, como poesia, são incomparavelmente inferiores á aquellas obras debaixo do ponto de vista anthropologico são mais importantes, por serem os vestigios da litteratura espontanea.

nea de um povo antes que qualquer genero de convenção, interesse ou espirito de seita e partido, houvesse modificado as producções espontaneas do espirito humano.

E si é verdadeira a theoria de que o homem pensou da mesma fórma, qualquer que fosse a sua raça, emquanto esteve no periodo de barbarismo que termina-se com a fundição dos primeiros metaes, a historia do pensamento da raça americana, n'esse periodo, não é só a de uma porção da humanidade; é a de toda a humanidade, em periodo identico. (1)

Não pode haver a menor duvida para o brasileiro contemporaneo de que estas lendas formão o fundo das tradições dos indigenas, visto que ellas constituem o actual fundo dos contos populares do interior; o povo não pode ter outras tradições que não sejam as que recebeo da Europa, as que lhe vierão da Africa, ou as que lhes vierão dos indigenas. Ora as lendas em questão não são africanas nem europeas pois os animaes que neilas figurão são animaes sul americanos, assim como americanas são as arvores, as circumstancias, os habitos e costumes que ahi se descrevem, com tão admiravel singeleza e propriedade.

(1) Para evitar qualquer duvida no futuro, devo dizer que aqui mesmo no Rio de Janeiro ha diversas pessoas que conhecem a lingua. a saber: Sua Magestade o Imperador que conhece o tupi da costa antigo; o Sr. Dr. Baptista Caetano, que conhece o guarany antigo e moderno; o Sr. professor Carlos Frederico Hartt que conhece o tupi antigo, e falla o tupi do Amazonas; o Sr. General Beaurepaire que conhece o tupi da costa; devem haver outros. Existem aqui nos corpos da córte nada menos de 40 a 50 praças que fallam o tupi e, como são indigenas, todos sabem de cór alguma das lendas que figuram n'esta collecção; temos talvez mais de 100, entre marinheiros e soldados, que fallam tupi ou guaraní.

Em materia de contos populares, é essa talvez a mais rica mina que, logo abaixo do mytho, se pode explorar para escrever a historia do pensamento primitivo da humanidade: não ha talvez no mundo inteiro, paiz que offereça melhor opportunidade para se colherem tão grandes riquezas, como o Brazil, justamente porque, assim como aqui, no immenso cadinho de nossa patria, se fundem actualmente os sangues dos grandes troncos branco, negro, amarello e vermelho, assim tambem se fundem as tradições e crenças primitivas, o pensamento espontaneo de todos esses troncos. Ah! que immenso e rico museo não temos aqui nos quarteis do nosso exercito, onde os soldados são mestiços vindos de todas as provincias! Que immenso museo vivo não possuímos para preparar a historia do pensamento primitivo da humanidade! Cumpre não desprezar essa mina riquissima que possuímos em nosso paiz, e, explorando e estudando a qual, podemos concorrer para o mais bello monumento intellectual do seculo 19, que é, na opinião convencida do Snr. Beaudry, refaser a historia do pensamento espontaneo da humanidade, que se encontra hoje somente em duas formas: na do mytho, e na do conto popular.

Cumpre porém não confundir estes dous vestigios antiquissimos do pensamento humano, e eu, para distinguil-os, peço permissão para transcrever as palavras do autor, que ha pouco citei, palavras que vem na introduccão á mytologia zoologica dos Vedas.

« Entre o conto popular e o mytho, diz elle, existe apenas uma simples defferença de epoca e dignidade.

O mytho é o resultado directo e primitivo da transformação dos elementos mythicos em fabulas. E' a obra do espirito colectivo espontaneo, expressado pelos poetas. O conto popular é o ultimo echo, com as gradações que a transmissão lhe impoz.

Não é mais esta producção poetica na qual tomou parte a humanidade superior; mas sim um residuo, si nos podemos assim exprimir, feito por pessoas mais simples, como as avós e as amas de leite.»

«Ainda assim, diz o Sr. Reinhold Köeller, o conto popular é tão importante ou talvez mais do que as inscrições cuneiformes, porque é elle, abaixo do mytho, vestigio mais antigo do pensamento humano.»

Nesta collecção de mythos existe um que o Sr. professor Hartt em sua obra *Notes on the Tupi language* diz que foi encontrado identico na Africa, e em Sião, e que dessa proveniencia figura já nas collecções mythologicas; eis aqui suas palavras: *I have, for instance, found among the Indians of the Amazonas a story of a tortoise that outran a deer by posting its relations at short distance apart along the rod, over wich the race was to be run—a fable found also in Africa and Siam!*

Veja-se por ahi a grande luz, veja-se quantas paginas da primitiva historia do pensamento da humanidade, que se julgavam irremissivelmente sepultadas no abysmo insondavel dos periodos prehistoricos, não podem ser reconstituídas neste seculo, graças á memoria rude mas fiel do nosso selvagem, que conserva tradições muito mais antigas talvez do que as dos Vedas.

São como fosseis que se vão desenterrando, e, assim como aquelles nos deram a historia do nosso planeta muitos milhões de annos antes do homem, assim estes nos reconstituirão a historia das gerações que se sepultaram no passado, antes que dellas podesse haver noticia por falta da escripta.

Como disse acima, eu colligi tambem essa lenda do jabuti que venceu o veado na carreira; tenho-a em dous dialectos, ambos diversos dos em que a colligio o Sr. professor Hartt; ouvia-a desde pequeno nos contos populares de Minas, e ahi a publico em dialecto do Rio Negro.

E' redigida com a mesma singeleza das outras, e com perfeito conhecimento dos habitos e localidades frequentadas pelos animaes que nella figuraram, como o leitor verificará ao examinal-a.

AS LENDAS ENCARADAS COMO METHODO DE EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

Na collecção que se segue, além do sentido symbolico que as lendas possam ter, assumpto esse que eu não trato de investigar, porque me faltam ainda estudos de comparação, é muito claro o pensamento de educar a intelligencia do selvagem por meio da fabula ou parábola, methodo geralmente seguido por todos os povos primitivos.

A collecção das lendas do jabuti, que não sei ainda se é completa, compõe-se de dez pequenos episodios.

Todos elles foram imaginados com o fim de fazer en-

trar no pensamento do selvagem a crença na supremacia da intelligencia sobre a força physica.

Cada um dos episodios é o desenvolvimento ou d'esse pensamento geral, ou de algum que lhe é subordinado.

Com a leitura da collecção o leitor verá isso claramente; sem querer antecipar o juizo do leitor, direi geralmente que:

Como é sabido, o jabuti não tem força; a custa de paciencia elle vence e consegue matar a anta na primeira lenda: a maxima pois que o bardo selvagem quiz com ella plantar em seu poço foi esta: a constancia vale mais que a força.

Como é sabido tambem, o jabuti é dos animaes de nossa fauna, o mais vagaroso; os proprios tupis tem este proloquio: *Ipucui aiti maiaue*, vagaroso como um jabuti; no entretanto, no terceiro episodio, o jabuti, a custa de astucia, vence o veado na carreira; quizeram pois ensinar, mesmo pelo contraste, entre a vagaresa do jabuti e aceleridade do veado, que a astucia e a manha podem mais do que outros elementos para vencer-se a um adversario.

No quinto episodio a onça quer comer o Jabuti; elle consegue matal-a, ainda por astucia. E' o desenvolvimento do mesmo pensamento, isto é: a intelligencia e o *savoir faire* valem mais do que a força e a valentia.

No nono episodio, o Jabuti é apanhado pelo homem, que o prende dentro de uma caixa, ou de um patuá, como diz a lenda; prezo, elle ouve dentro da caixa o homem ordenar aos filhos que não se esqueçam de pôr

agua no fogo para tirar o casco ao jabuti, que devia figurar na ceia: elle não perde o sangue frio; tão depressa o homem sae de casa, elle, para excitar a curiosidade das crianças, filhos do homem, põe-se a cantar: os meninos aproximão-se; elle cala-se: os meninos pedem-lhe que cante mais um pouco para elles ouvirem: elle lhes responde — ah! si vocês estão admirados de me verem cantar, o que não seria se me vissem dansar no meio da casa?

Era muito natural que os meninos abrissem a caixa; que crianças haveria tão pouco curiosas que quisessem deixar de ver o jabuti dansar? Ha nisto uma força de verosimilhança cuja belleza não seria excedida por Lafontaine. Abrem a caixa, e elle escapa-se.

Esta lenda ensina que não ha tão desesperado passo na vida, do qual o homem se não possa tirar com sangue frio, intelligencia, e aproveitando-se das circumstancias.

O que principalmente distingue um povo barbaro, é a crença de que a força physica vale mais do que a força intellectual.

Napoleão I, por exemplo, nos refere, que os arabes no Egypto muito custaram a acreditar que fosse elle o chefe do exercito, por ser um dos generaes de mais mesquinha apparencia physica.

Ensinar a um povo barbaro que não é a força physica que predomina, e sim a força intellectual, equivale a infundir-lhe o desejo de cultivar e augmentar sua intelligencia.

Cada vez que reflecto na singularidade do poeta indi-

gena de escolher o prudente e tardo jabuti para vencer aos mais adiantados animaes de nossa fauna, fica-me evidente que o fim dessas lendas era altamente civilizador, embora a moral n'ellas ensinada divirja em muitos pontos da moral christãa.

Não será evidente, por exemplo, que a concepção aparentemente singular de fazer um jabuti apostar uma carreira com o veado, é muito engenhosa para gravar em cabeças rudes esta maxima: que a intelligencia e prudencia são mais importantes na lucta da vida do que a força e as vantagens physicas?

Qual seria o selvagem que depois de comprehender, a vista da lenda, que um jabuti pôde por astucia alcançar victoria apostando uma carreira com o veado, qual seria o selvagem, perguntamos, que não ficaria ante- vendo a superioridade da intelligencia sobre a materia?

SENTIDO SYMBOLICO

Ja citei a opinião do Sr. Hartt relativa ao sentido symbolico de uma das lendas: a do jabuti e do homem.

A theoria, que prevalece hoje, entre os que estudam anthropologia e linguistica, é a de que todas as lendas são a descripção symbolica dos diversos phenomenos methereologicos que occorrem com o sol, com a lua, com outros astros, como já disse acima.

Inhabilitado, como por ora me reconheço, para entrar n'essa investigação, comtudo me parece que a theoria está confirmada não só na lenda citada pelo Sr. Hartt, mas tambem em todas, ou em quasi todas as outras.

E' assim que a primeira lenda, explicada pelo systema solar, me parece offerecer no jabuti o symbolo do sol, e na anta o symbolo do planeta Venus.

Na primeira parte do mytho o jaboti é enterrado pela anta. A explicação parece natural desde que, se sabe que, em certa quadra do anno, Venus apparece justamente quando o sol se esconde no occidente.

Chegado o tempo do inverno o jaboti sae, e, no encaço da anta, vae successivamente encontrando-se com diversos rastos, mas chega sempre depois que a anta tem passado.

Assim acontece realmente com o sol e Venus que quando apparece de manhã, apenas o sol fulgura, ella desaparece.

O jabuti mata finalmente a anta.

Isto é, pelo facto de estar o orbita do planeta entre nós e o sol, ha uma quadra no anno em que elle não apparece mais de madrugada para só apparecer de tarde. O primeiro enterro do jabuti é a primeira conjunção, aquella em que o sol se some no occidente para deixar Venus luzir. A morte da anta pelo jabuti, é a segunda conjunção, aquella em que Venus desaparece para deixar luzir o sol. Quer debaixo do ponto de vista da theoria solar, quer como ensinamento didactico, quer como elemento linguistico, estes mythos originaes são, a meu ver, de inextimavel valor.

AS LENDAS ENCARADAS COMO ELEMENTO LINGUISTICO

Se estas fabulas são curiosas como especimens de methodos de educação primitiva, e como elemento para julgar-se de uma civilização que pouco a pouco se vae apagando diante da nossa, como elemento philologico são de um valor inextimavel.

Seria impossivel julgar da lingua de Virgilio e Cicero pelos escriptos em latim dos padres da idade media.

Muito mais difficil ainda seria julgar da lingua tupi pelos textos escriptos pela maior parte dos jesuitas, apezar do muito que elles sabem.

Ha uma infinidade de delicadesas que se percebem em frente de um texto original, mas que são inimitaveis pelo estrangeiro.

Nestas mesmas lendas, de principio a fim, existem cousas que jamais poderião ter sido escriptas por um homem que não houvesse bebido a lingua com o leite materno, como eu o mostrarei quando fiser a sua leitura.

Uma das cousas nimiamente curiosas, e que indicão a differença das duas raças, e que jamais podiam haver sido inventadas por quem lhe não pertencesse, são as sentenças.

Nos povos que adoptaram o christianismo, por exemplo, quando, ao homem que persiste em uma resolução desesperada, se observa alguma cousa, elle responde: que leve tudo o diabo! Na primeira das lendas nós vemos que a phrase correspondente a esta, entre os tupis,

era a seguinte: o fogo disem devora tudo!—*tatta, pahã oçapi opãin rupi!*

Um outro exemplo:—quando entre nós se objecta a um homem que elle se expõe a uma morte provavel, e que este homem quer indicar a sua resignação, nós povos arianos, disemos: eu não estou no mundo para semente. A phrase correspondente no tupi, para este caso, nós a encontramos ainda na primeira lenda, onde o jabuti, ameaçado pelo rasto de ser uma segunda vez enterrado pela anta, lhe responde;—eu não estou neste mundo para ser pedra—*Ixê intimahã wa ikô ce ara uirpe ita ārãma.*

Pelo lado dos anexins populares, dessas maximas que constituem por assim dizer toda a philosophia pratica de um povo, impossivel seria conhecer os no tupi a não serem os textos originaes de suas lendas. Foi por meio de uma dellas que eu fiquei sabendo que muitos dos dictados populares do Brazil nos vierão do Tupi.

Entre outros, citarei o seguinte, que é muito vulgar em todo o Brazil: quando se quer dizer que é muito difficil illudir e enganar ao homem experiente, diz-se no interior: macaco velho não mette a mão na cum-buca: é um anexim tupi; eu o encontrei até rimado, e diz assim: *macaca tuiué inti omundêo i pó cuiambuca opê*, anexim que é, verbum ad verbum, o mesmo de que nos servimos em portuguez.

Quanto ao estylo das lendas, ha ahi alguma cousa de tão singello e infantil que é impossivel lel-as sem reconhecer que ha nisso verdadeira poesia selvagem,

MOMEUCÁUA COBITÁ RÊCÊUARA
MYTHOLOGIA ZOOLOGICA

Dr. Couto de Magalhães oçanhêna quahá momeuçáua itá, Brazil mororjma opaĩ rupi, omuapica ãna papêra upé maiaué ahé ocenô Tapjiaitá omomeú.

O Dr. Couto de Magalhães colligio estas lendas pelos sertões do Brazil, e reduzio-as a escripto na mesma fórma pela qual ouvio os tapuios narral-as.

I

MAI PITUNA OIUQUAU ãNA
Como a noite appareceu

Esta lenda é provavelmente um fragmento do Genesis dos antigos selvagens sul-americanos. E' talvez o éco degradado e corrompido das crenças que elles tinham, do como se formou esta ordem de cousas no meio da qual nós vivemos, e, despida das fórmas grosseiras com que provavelmente a vestiram as avós e as amas de leite, ella mostra que por toda a parte o homem se propóz resolver este problema—de onde é que nós viemos? Aqui, como nos Vedas, como no Genesis, a questão é no fundo resolvida pela mesma fórma, isto é: no principio todos eram felizes; uma desobediencia n'um episodio de amor, uma fruta

prohibida, trouxe a degradação. A lenda é em resumo a seguinte: no principio não havia distincção entre animaes, o homem e as plantas; tudo fallava. Também não havia trevas. Tendo a filha da Cobra Grande se casado, não quiz cohabitar com o seu marido enquanto não houvesse noite sobre o mundo, assim como havia no fundo das aguas. O marido mandou buscar a noite, que lhe foi remettida encerrada dentro de um caroco de tucumã, bem cerrado, com prohibição expressa aos conductores de que o abrissem, pena de perderem-se a si e a seus descendentes, e a todas as cousas. A principio resistem á tentação, mas depois, a curiosidade de saber o que havia dentro da fruta os fez violar a prohibição, e assim se perderam. Substituindo a fruta de tucumã pela arvore prohibida, a curiosidade de saber pela tentação do espirito maligno, parece-me haver no fundo do episodio tanta semelhança com o pensamento asiatico que vacillo e pergunto se não será um éco degradado e transformado desse pensamento?

Iupirungáua ramé intimahã pitúna; ára anhã
O principio durante não havia noite; dia somente

opaĩ ára opé.
todo tempo em.

Pitúna okéri oikó i rípe.
A noite adormecida está da agua no fundo.

Intimahã cootá; opaí mahã onhehẽ.
Não havia animaes; todas as cousas fallavam.

Boia-Uaçú menbira, ipahá, oiumendári iepé
Da Cobra Grande a filha, contam, casara-se um

kurumĩ-uaçú irúmo.
joven com.

Quahá kurumĩ-uaçú orekó muçapira miaçúa
Este joven tinha tres vassallos

catú retẽ. Oiepẽ ára upé ocenõĩ muçapira miaçúa,
feis. Um dia em chamou os tres vassallos,

onhehẽ aitá çupé:
disse-lhes:

—Pecõĩ peuatá; çeremirecõ intí okéri putári
—Ide passear; minha mulher não dormir quer

çẽ irúmo.
eu com.

Miaçúa oço-ãna. Aramé ahé ocenõĩ
Os vassallos foram-se. Então elle chamou

xemirecõ okéri arãma ahé irúmo.
sua mulher dormir para elle com.

Xemirecõ oçuaxára: — Intí raĩ pitúna.
Sua mulher respondeu: — Ainda não é noite.

— Intimahã pitúna; ára ãnhẽ.
— Não ha noite; dia ha somente.

— Ce rúba orekó pitúna. Rekeri putári ramé
— Meu pai tem noite. Dormir queres se

çẽ irúmo remundú piãmo ahé, paraná rupí.
eu com tu mandes buscar ella, rio pelo.

Ahé ocenõĩ muçapira miaçúa; xemirecõ
Elle chamou os tres vassallos; sua mulher

omundú aitá i rúba óca píri, oçó opiãmo
mandou-os de seu pai casa á, irem buscar

arãma iepé tucumã (*) rainhá. Aitá oc/ka ramé
para, um de tucumã caroço. Elles chegaram quando

Boia-Uaçú óca upé, quahá omehẽ aitá çupé
da Cobra Grande casa em, esta deu lhes

oiepẽ tucumã rainhá, oiucikináu retẽ,
um de tucumã caroço, fechado perfeitamente,

onhehẽ: — Kuçukúĩ ãna; reraçó; tenhẽ, curí pe
e disse: — Aqui está; levai; eia, não o

pirári! Pepirári ramé pecanhẽma curí.
abraís! Abirdes se o, vos perdereis.

(*) O tucumã é uma linda palmeira espinhosa que cresce nos valles do Amazonas e Prata. Seu côco, de um vermelho côr de laranja brilhantissimo, serve de alimento aos selvagens, que com a sua pôlpa preparam um succulento mingão, de sabor agradável, mas indigesto.

Miaçúa oçó āna, ocenō teapú tucumã
Os vassallos foram-se, ouviram barulho de tucumã

rainha pupé: ten, ten, ten; ten, ten, ten.
do caroço dentro: ten, ten, ten; ten, ten, ten.

Tucúra itá reapú, iúí itá irúmo,
Dos grilos era o barulho, e dos sapinhos com elles,

onhengári uahá pitúna ramé.
cantam os quaes noite durante.

Miaçúa oikó ramé āna apecatú oiepé
Vassallos estavam quando já longe um

cuíuára onhehē i irumoára itá çupé:
delles disse seus companheiros aos:

— Māhátá quahá teapú? Iaçó iamahã?
— O que é este barulho? Vamos vêr?

Iacumãçua onhehē:
O piloto disse:

— Intimahã; curumũ tahá iacanh/ma curí.
— Não; do contrario nos perderemos.

Peapucúi, iaçó āna.
Remai, vamos embora.

Aitá oçó āna.
Elles se foram.

Aitá ocenō oikó teapú; intí oquáu
Elles ouvindo estavam o barulho; não sabiam

mahã nhahã teapú uahá.
o que era aquelle barulho que.

Aitá oikó apecatú reté āna ramé
Elles estavam longe muitissimo já quando

aitá oiúmuatiri igára pitéra pé opirári arāma
elles ajuntaram-se da canôa meio em abrir para

tucumã rainha, omahã arāma mahã oikó
do tucumã o caroço, vêr para o que estava

i pupé.
delle dentro.

Oiepé omũdica tatá; aitá omuiuticú iraiti
Um acendeu fogo; elles derreteram o breu

oçikináu oikó uahá tucumã rainha okēna.
fechando estava que de tucumã do caroço a porta.

Aitá opirári ramé, curutēuára pitúna
Elles abriram quando, repentinamente noite

uaçú āna!
densa já!

Aramé iacumãçua onhehē: —Iacanhimo!...
Então o piloto disse: —Nos perdemos!...

Cunhã-mucũ, çóca upé, oquáu āna ianē
A moça, sua casa em, sabe já que nós

iapirári quahá tucumã rainha.
abrimos este de tucumã caroço.

Aitá oçó ãna.
Elles seguiram viagem.

Cunhã-mucú, çóca npé, onhehê i mēna çupé:
A moça, sua casa em, disse seu marido a:

— Aitá opirári pitúna. Cuhÿre iaçó
— Elles soltaram a noite. Agora vamos

iáçarú coēma.
esperar a manhã.

Aramé opaĩ mahã, oçáin oikó uahá
Então todas as cousas espalhadas estavam que

cahá rupí, oceréo çóó arãma,
bosque pelo metamorphosearam-se animaes em,

uĩrá arãma.
passaros em.

Opãĩ mahã oçáin oikó paraná rupí,
Todos as cousas, espalhadas estavam rio pelo,

oieréo ipéca arãma, pirá arãma;
metamorphosearam-se patos em, peixes em;

uruçakãnga oieréo iáuaraetê arãma.
o paneiro virou-se onça em.

Pirakaçára oieréo, i igára irúmo, ipéca
O pescador virou-se, sua canôa com, pato

arãma; i akãnga ipéca-akãnga arãma; i
em; sua cabeça de pato cabeça em; seu

apucuitãua oieréo ipéca retimã arãma; igára
remo virou de pato pernas em; a canôa

ipéca çeté arãma.
do pato corpo em.

Boia-Uaçú menbÿra omahã ramé Iacítatã-
Da Cobra Grande a filha vio quando a estrella

uaçú, onhehê i mēna çupé:
Venus, disse seu marido a:

— Coēma oúri oikó; xa çó xa muin ára pitúna
— Manhã vindo está; eu vou dividir dia noite

çuí.
da.

Aramé ahé omamãna inimũ, onhehê:
Então ella enrolou fio, e disse:

— Inde çujubí (*) curí, onhehengári arãma coēma
— Tu çujubim seras, cantar para manhã

oúri ramé curí.
vier quando.

Quaí omunhã çujubim, omutínga i akãnga
Assim fez o çujubim, branquejou delle a cabeça

tauátínga irúmo, omupirãnga çetimã urucú
tabatinga com, avermelhou suas pernas urucu

(*) Uma especie de jacú, de cabeça branca, pernas vermelhas, que canta de madrugada, conhecido na sciencia sob o nome de: *penelope cumanensis*.

irúmo, onhehē ixupé: — Renheengári curi, opaĩ
com, disse elle a: — Cantará para

ára opé, coēma oúri ramé.
todo sempre, manhã vier quando,

Ariré ahé omamāna inimū, onhehē:
Depois ella enrolou fio, disse:

— Indé inanbú curi. (*)
— Tu inanbū serás.

Opic̃ica tanimúca ombúri cecé, onhehē ixupé:
Tomou cinza pôz sobre elle, disse a elle:

— Ine inanbú curi, onhehengári arāma caarúca
— Tu inanbū serás, cantar para tarde

ramé, pitúna ramé, piçaié ramé, pitúna
em de noite em, meia-noite em, noite

puçú ramé, coēma piranga ramé.
alta em, madrugada em. (*)

Aá çuí uiraitá onhehengári ára
De então para cá os passaros cantaram tempos

(*) *Pezus Niambi* (Spix), uma especie de perdiz dos bosques do Brazil, que canta a horas certas da noite.

(*) Dissemós na pag. 78 a que horas correspondem cada um destes nomes,

catú upé, coēma oúri ramé, omuróri arāma
proprios em, manhã vem quando, alegrar para

ára.
o dia.

Muçap̃ira miaçúia oc̃ika ramé curum̃-uaçú
Tres vassallos chegaram quando o moço

onhehē aita çupé:
disse elles a:

— Penhē intí peçupí uāna! Penhē pepirári
— Vós não fostes fieis! Vós soltastes

pitúna! Penhē pemunhā uāna opāĩ mahā
a noite! Vós fizestes todas as cousas

oc̃aĩma; aarecé peiéreo macacai arāma
perderem-se; por isso virareis macaquinhos em

opaĩ ára opé; reuatá mirá rak̃anga
para todo sempre; andareis das arvores galhos

rupí eatire.
sobre atrepados.

*Tradução portugueza da lenda
anterior. (*)*

No principio não havia noite — dia sómente havia em todo tempo. A noite estava adormecida no fundo das aguas. Não havia animaes; todas as cousas fallavam.

A filha da Cobra Grande, contam, casara-se com um moço.

Este moço tinha tres famulos fieis. Um dia elle chamou os tres famulos e lhes disse : — ide passear por que minha mulher não quer dormir comigo.

Os famulos foram-se, e então elle chamou sua mulher para dormir com elle. A filha da Cobra Grande respondeu-lhe :

— Ainda não é noite.

O moço disse-lhe : — Não ha noite ; somente ha dia.

A moça fallou : — Meu pai tem noite. Se queres dormir comigo manda busca-la lá, pelo grande rio.

O moço chamou os tres famulos ; a moça mandou-os a casa de seu pai para trazerem um caroço de tucumã.

Os famulos foram, chegaram em casa da Cobra Grande, esta lhes entregou um caroço de tucumã muito bem fechado, e disse-lhes : — Aqui está ; levai-o.

(*) Não é minha intenção dar em geral outra tradução além da litteral que já ficou atraz, porque o principal objecto deste livro é o estudo da lingua e não o das lendas. Comtudo, n'uma ou n'outra em que as transposições forem muito numerosas eu seguirei a tradução litteral de uma tradução portugueza, como faço aqui.

Eia ! não o abraes, senão todas as cousas se perderão.

Os famulos foram-se, e estavam ouvindo barulho dentro do coco de tucuman, assim : tem, ten, ten... xi... (*) era o barulho dos grillos e dos sapinhos que cantam de noite.

Quando já estavam longe, um dos famulos disse a seus companheiros : — Vamos ver que barulho será este ?

O piloto disse : — Não ; do contrario nos perdemos. Vamos embora, eia, rema!

Elles foram-se e continuaram a ouvir aquelle barulho dentro do coco de tucumã, e não sabiam que barulho era.

Quando já estavam muito longe, ajuntaram-se no meio da canôa, acenderam fogo, derreteram o breu que fechava o coco e o abriram. De repente tudo escureceu.

O piloto então disse : — Nós estamos perdidos ; e a moça, em sua casa, já sabe que nós abrimos o coço de tucuman ! Elles seguiram viagem.

A moça, em sua casa, disse então a seu marido : — Elles soltaram a noite; vamos esperar a manhã.

Então todas as cousas que estavam espalhadas pelo bosque se transformaram em animaes e em passaros.

As cousas que estavam espalhadas pelo rio se trans-

(*) Quando os selvagens narram esta parte imitam o zumbido dos insectos que cantam á noite.

formaram em patos, e em peixes. Do paneiro gerou-se a onça: o pescador e sua canôa se transformarão em pato; de sua cabeça nascerão a cabeça e bico do pato; da canôa o corpo do pato; dos remos as pernas do pato.

A filha da Cobra Grande, quando viu a estrella d'alva, disse a seu marido:

— A madrugada vem rompendo. Vou dividir o dia da noite.

Então ella enrolou um fio, e disse-lhe: — Tú serás kujubin. Assim ella fez o kujubim; pintou a cabeça do kujubin de branco, com tabatinga; pintou-lhe as pernas de vermelho com urucú, e então disse-lhe: — Cantarás para todo sempre quando a manhã vier raiando.

Ella enrolou o fio, sacudio cinza em riba delle, e disse: tú seras inambú, para cantar nos diversos tempos da noite, e de madrugada.

De então para cá todos os passaros cantaram em seus tempos, e de madrugada para alegrar o principio do dia.

Quando os tres famulos chegaram o moço disse-lhes: — Não fostes fiéis — abriram o caroço de tucumã, soltaram a noite e todas as cousas se perderam, e vos tambem que vos metamorphoseastes em macacos, andareis para todo sempre pelos galhos dos páos.

(A bocca preta, e a risca amarella que elles têm no braço dizem que é ainda o signal do breu que fechava o caroço de tucumã que escorreu sobre elles quando o derreteram.)

AS LENDAS DÓ JABUTI

II

JAUTI TAPIIRA CAHAIUÁRA
Jabuti e anta do mato

ARGUMENTO. — Neste primeiro episodio, a anta, abusando do direito da força, pretende expellir o jabuti de debaixo do taperabaseiro, onde este colhia o seu sustento; e como elle se oppuzesse á isso, allegando que a fruteira era sua, a anta o piza e o enterra no barro, onde elle permanece até que, com as outras chuvas que amollecera a terra, elle pôde sair, e, seguindo pelo rasto no encalço da anta, vingou-se della matando-a.

Parece que a maxima que o primitivo bardo indigena quiz implantar na intelligencia de seus compatriotas selvagens foi esta: a força do direito vale mais do que o direito da força.

Apezar da extrema simplicidade com que a lenda é redigida, revela tal conhecimento de circumstancias peculiares aos individuos que nella tomam parte, que seria muito difficil a qualquer pessoa, que não o indigena, o compô-la. E' assim, por exemplo: a fruta do taperebá é sustento favorito de antas e jabutis; amadurece no principio da secca; de modo que, se o jabuti foi atolado no barro quando

colhia essas frutas, e se só sahio com as futuras chuvas, segue-se que foi atolado em Maio, mais ou menos, e que só sahio em Novembro; é justamente durante esses mezes que os jabutis hibernam. Quando elle encontra a anta, é em um braço do rio grande — paraná mirim —; todos os caçadores sabem que este animal prefere na verdade os canaes estreitos para residir em suas margens. Estas e outras circumstancias, narradas com tanta precisão, que era possível fixar épocas para cada um dos pequenos factos a que a narração allude, indicam a producção de uma intelligencia simples, e verdade, mas perfeitamente informada e conhecedora do scenario em que se passa o pequeno episodio ahi descripto.

Iautí mira catú, intimãhã míra puxí. Oikó
Jabuti gente é boa, não gente é má. Estáva

itaperejá uirpe, oçanhãna i temiú. Tapiíra
do taperebá em baixo, ajuntando sua comida. Anta

cahaiúára ocíka ápe, onhehẽ ixupé:— Retirica
do mato chegou ahi, disse a elle:— Retire-se,

iáuti, retirica kí (iké) xii. Iautí oçuxára
jabuti, retire-se aqui de. Jabuti respondeu

ixupé:—Ixé kí xii (çuí) inti xa tirica mãhá
a ella:—Eu aqui de não me retiro que

recé xa ikó ce
pór (porque) eu estou de minna juá juá
de fruta arvore

uirpe. — Retirica, iautí, curumú xa pirú
embaixo. — Retira-te, jabuti, senão eu pizo

indé. — Repirú!... re mahẽ arãma, iné nhẽ será
você. — Piza!... tú veres para, se tu só és

apgáua! Tapiíra, iurupari, opirú iáuti teté.
macho! Anta, jurupari, (*) pizou jabuti coitado.

Tapiíra oçó ãna. Iáuti quai onhehẽ:—
Anta se foi embora. Jabuti assim disse:—

Tenupá, iurupari; amãna ára ramé
Deixa estar, jurupari; da chuva o tempo quando

curi xa cẽmo, xa çó nẽ racaquera mamé catú
fôr eu saio, eu vou em teu encaço onde até

xa uacẽmo ndé; xa mehẽ curi indé arãma
eu encontrar você; eu darei você á

reíutíma recuiára, ixé. Amãna ára
de me enterrares o troco, eu. Da chuva o tempo

ocíka ãna iáuti ocẽmo arãma. Iautí ocẽmo oçó
chegou o jabuti tirar para. Jabuti sahio foi

ãna iurupari uaçú racaquera. Oíuiúanti
embora do jurupari grande atraz. Encontrou-se

(*) Jurupari é o espirito que entre os selvagens cor-
responde mais ou menos ao nosso demonio judaico,
sem ser tão perverso como este.

tapiira pipóra irúmo. Iáuti opuranú ixupé:—
da anta rasto com. Jabuti perguntou a elle: —

Miiri ára āna ne iára oxári indé? Pipóra
Quanto tempo já teu senhor deixou você? O rasto

oçuaxára: — Cuxiima āna ce oxári. Iáuti ocemo
respondeu: — Ha muito já me deixou. Jabuti sahio

a xii iepé iaci riri (riré), oiúúanti amū
alli de uma lua (um mez) depois, encontrou-se outro

pipóra irúmo. Iáuti opuraunú: — Apécátú rain será
rasto com. Jabuti perguntou: — Longe ainda

ne iára oikó? Pipóra oçuaxára: — Reuatá
teu senhor está? O rasto respondeu: — Tu andares

ramé mocói ára reçantí (reiuúanti) curí ahé
quando dous dias te encontrarás elle

irúmo. Iáuti onhehē ixupé: — Ce querāna(*) xa
com. Jabuti fallou elle á: — Estou aborrecido eu

(*) Quera āna, cuera āna — aborrecido já. A forma desta palavra, que entra na composição de muitas, é identica no tupi da costa e no guarani antigo; faz tambem — era — ou — guera — segundo a euphonia o exige. É ella que entra na composição das palavras acānguera, tiguera, cocuera, manicuera etc.

A forma do adjectivo em guaraní antigo é: cueraí; Montoya, Thesouro fl. 104 diz: compuesto de — cuera — preterito, e — ai — esparcir: enfado; Xe cuera estoy enfadado.

cicári: ahé ipó oçó retēāna. Pipóra
de procurar; ella pode ser foi de uma vez. Rasto

opuranú: — Māhá reçé tahá quité reicári
perguntou: — Por que razão que agora tu procuras

reté ahé? Iáuti oçuaxára: — Intimahā mahā
tanto ella? Jabuti respondeu: — Nem uma cousa

arāma; Xa purunguetá putári ahé irúmo.
para (para nada). Eu conversar quero ella com.

Pipóra onhehē: — Aramé reçó uāna paraná miri
Rasto fallou: — Então tu vás rio pequeno

keté; aápe curí reuacemo ce rúba turuçu. Iáuti
ao; lá acharás meu pai grande. Jabuti

quai onhehē: — Aramé xa çó raī. Ocika
assim fallou: — Então eu vou ainda. Elle chega

paraná miri pupé; quai opuranú: — Paraná,
rio pequeno no; assim perguntou: — Rio,

māhápa ne iára? Paraná oçuaxára: —
que é do teu senhor? Rio respondeu: —

Tauquáu. (Inti quau). Iáuti onhehē paraná çupé:
Não sei. (*) Jabuti fallou rio ao:

(*) Quando se faz ao selvagem uma pergunta indiscreta, e que elle quer exprimir a sua má impressão responde: tauquáu, em vez de responderem inti rá quáu.

—Māhá *recé* tahá iaué catú *renhehē* ixé?
 Por que razão que assim bem tu fallas a mim?»

(arāma?) Paraná oquaxára: —Xa *nhehē* iné arāma
 Rio respondeu: —Eu fallo você á

nahā iaué catú *māharecé* xa quáu āna mahā
 isto assim bem por que eu soube o que

ce rúba omunhā indé arāma.» Iáuti onhehē: —
 meu pai fez você á.» Jabuti fallou: —

Tenupá oikó; ixé curí xa uacēmo ahé. Aramé
 Deixe estar; eu hei de achar elle. Então

cuḥre, paraná, xa *có* ne *cuí*; remahē ramé
 agora, rio, me vou você de; avistares quando

curí *ixé* ne páia *reáueṛa* irúmo uāna.»
 eu de teu pai cadaver com estarei.»

Paraná onhehē: —Ten *reiáúkí* *ce* rúba irúmo!
 Rio respondeu: —Não bulas meu pai com!

tenupá okéri.» Iáuti onhehē: —*Cuḥre* *cupí* *ce*
 deixa elle dormir.» Jabuti fallou: —Agora certo me

rurí catú; paraná xa *có* raí.» Paraná
 alegre bem; rio me vou ainda.» Rio

oquaxára: —Ah, iáuti, iné ipó *reiúúúṫma*
 respondeu: —Ah, jabuti, você pode ser te enterrares

putári *mocóṛi* ué!» Iáuti onhehē: —Intimahā
 queres segunda vez!» Jabuti fallou: —Não

xa *ikó* ára *uirpe* itá arāma; *cuḥre* xa *có*
 estou mundo no pedra para; agora eu vou

xamahē *kirimáua* *pṛe* uahá *ce* *cuí*; *eré*, paraná,
 vêr se valente mais que eu do; adeus, rio,

xa *có* raí.» Iáuti *oçó* uāna; paraná
 me vou ainda.» Jabuti foi-se embora; do rio

miri *remeṫua* *rupí* uacēmo *tapiira*. Iáuti
 pequenô margem sobre encontrou a anta. Jabuti

onhehē quahá iaué: —Xa uacēmo *nde* ô *intimahā*?
 fallou a esta assim: —Eu encontrei você ou não?

Cuḥre remahē *enri* *ce* irúmo. *Ixé* pahá
 Agora tu verás eu com (comigo). Eu, dizem,

apáua!» Opúri *renoné* *tapiira* *çapiá* *opé*.
 sou macho!» Pulou adiante da anta escrotos nos.

Quai onhehē: —Tatá, pahá, *oçapi* *opaṛi* *rupí*.
 Então fallou: —Fogo, dizem, queima tudo sobre!» (*)

Iáuti opúri *kirimáuaçáua* irúmo *tapiira* *rapiá*
 O jabuti pulou valentia com da anta escrotos

recé. *Tapiira* *iacānhemo*, opáka. *Tapiira* quai
 sobre. A anta assustou-se, acordou. Anta assim

onhehē: —Tupāna *recé* catú, iáuti, *rexári* *ce*
 fallou: —Tupān pelo bom, jabuti, deixa meu

(*) Em vez desta phrase popular: *que leve tudo o diabo*, os indigenas dizem: «*o fogo devora tudo*.»

rapiá. » Iáuti oçuaxára: Ixé intimahã xa xári
escroto. » Jabuti respondeu: Eu não deixo

mãhá reçé xa mahê putári ne kirimáuaçáua. »
que por eu vêr quero tua valentia. »

Tapiira onhehê: — Aramé a ikô xa çó. » Tapiira
Anta fallou: — Então estou me indo. » Anta

opuãma, unhãna paraná miri rupi; mocoí
levantou-se, correu rio pequeno sobre; dois

ára pauacápe tapiira omanũ-ãna; Iáuti quai
dias no fim, anta morreu. Jabuti então

onhehê: — Xa iucá ndé, o intimahã? Cuhire
fallou: — Eu matei você ou não? Agora

xa çó xa cicári ce anãma itá ou
eu vou procurar meus parentes comerem

arãma ndé.
para você.

III

IAUTI IAURAETE
O jabuti e a onça

*Neste 2º episodio parece que a ma-
xima ensinada é a seguinte:—Quando
o poderoso faz partilha com o pequeno
este é quasi sempre o prejudicado. Ao
leitor não escapará a semelhança que
há entre esta e a fabula grega da par-
tilha do leão com seus companheiros
de caça.*

Iáuti oçacêma: — Ce anãma itá! Ce anãma itá.
Jabuti gritou: — Meus parentes! Meus parentes,

iúre!
venhão!

Iauáreté ocenô, oçó a keté, opuranú: — Mãnháta
A onça ouviu, foi lá para, perguntou: — O que

reçacêma reikó, Iauti?
tu gritando estás, jabuti?

Iauti oçuaxára: — Xa cenõin xa ikô çé
O jabuti respondeu: — Eu chamando eu estou meus

anãma itã ou arãma ceremiãra uacú
parentes comerem para minha caça grande

tapiira. »
a anta. »

Iauaretê onhehê: — Reputári xa muĩ tapiĩra
A onça disse: — Tu queres que eu parta a anta

indê arãma? »
voce para?

Iauti onhehê: — Xa putári: remunúca iépe
Jabuti disse: — Eu quero: tu separe uma

çuxára inç arãma; amũ, ixé arãma.
banda ti para; outra mim para.

Iauaretê onhehê: — Aramé reço reĩũuca iepeá.
A onça disse: — Entã vã tirar lenha.

Iauti oçô pucuçãua, iãuarête oçupiri
O jabuti foi em quanto que, a onça carregou

iximiára, oiãuãu.
delle a caça, e fugio.

Iauti oc/ka ramé uacema nhũnto ana
O jabuti chegou quando encontrou apenas

tiputi, oiãkãu iauaretê irũmo, onhehê: —
fezes, ralhou onça com, disse: —

Tenupá! amuára xa iũiuanti curi
Deixa estar! algum dia eu me encontrarei

ne irũmo. »
voce com; »

IV

JAUTI CUACU
Jabuti e Veado

Deve faltar aqui alguma coisa, porque, tendo a onça carregado a anta na lenda anterior, aqui neste episodio vê-se que o Jabuti já a tinha rehavido.

O mytho é em resumo o seguinte: tendo o veado apostado uma carreira com o jabuti, este espalhou, ao longo do caminho outros jabutis, e elle mesmo se foi collocar na raia, de modo que, quando corrião e o veado chamava pelo jabuti, sempre um dos jabutis, postados no caminho, respondia adiante.

A maxima desenvolvida neste episodio é a seguinte: a astucia e a intelligencia valem mais que a força; ensinar esta maxima por meio de um episodio em que o jabuti, o mais vagaroso dos animaes, vence o veado na carreira, não será muito christão, mas devia gravar indelevelmente essa verdade na intelligencia do selvagem.

Iauti miri oçõãna ocicãri i anãma
Jabuti pequeno foi procurar seus parentes,

itã (eta), oiũũanti çuaçu irũmo. Çuaçu
encontrou-se veado com. O veado

opuranũ ixupé: — Mahã ketê tahã reço?
perguntou a elle: — Onde para que tu vas?

Iauti oçuaxára: —Xa çó xa cenô ce
 Jabuti respondeu: —Eu vou eu chamar meus

anāma itá (eta) oúri ocicári arāma (omahen)
 parentes virem procurar para

ce remiára uacú, tapiíra. Cuaçú quai
 minha caçada grande, a anta. O veado assim

onhehê: —Aramé rēiucá tapiíra?! Cōi
 fallou: —Então voce matou anta?! Va

recenô: ne mira itá (eta); ixê xa pitá
 chame tu gente toda: quanto a mim, eu fico

ikê xa mahê putári a itá (ae eta) recê. Iauti
 aqui eu olhar quero elles sobre. Jabuti

quai onhehê: —Aramé intiāna xa çó:
 assim fallou: —Então eu não mais vou;

qui xii tenhên xa iuiri xa çarú arāma
 daqui mesmo eu volto eu esperar

iúca tapiíra, xa iuúca arāma i cāuêra
 que apodreça a anta; eu tirar para seu osso

cerememi arāma; erê; çuaçú, xa çó
 minha gaita para; Esta bom, veado, eu vou

raí. Cuaçú quai onhehê: —Re iucá tapiíra
 já. Veado assim fallou: —Tu mataste anta

cuhre xa çagn putári xa nhāna ne
 agora eu experimentar quero eu correr voçe

irúmo. Iauti oçuaxára: —Aramé reçarú
 com. Jabuti respondeu: —Então voçe espere

ixê ikê: xa çó xa mahê maarupi xá
 a mim aqui: eu vou ver por onde eu

nhāna curi. Cuaçú onhehê: —Renhāna
 correr heide. Veado fallou: —Tu correres

ramé amú çuaxára rupi, xa çapucái ramé
 quando outro lado por, eu gritar quando,

reçuaxára. Iauti onhehê: —Xa çó rain.
 tu respondas. Jabuti fallou: —Me vou ainda.

Cuaçú onhenhê ixupé: —Ten curi reikó
 O veado fallou a elle: —Agora vá

pucú...(*) Xa mahê putári ne kirimauacáua-
 demorar-se... Eu ver quero tua valentia

Iauti quai onhenhê: —Reçarú xinga
 Jabuti assim fallou: —Espere um pouco

ranhên, (rain) tenupá xa cika çuáindá
 ainda, deixa-me chegar outrabanda

pe. Ahé ocika aápe, ocenôin ipáua i
 na. Elle chegou alli, chamou todos seus

(*) Ten curi reikó pucú: litter: Eia! te fiques com-
 prido, isto é: não sejas vagaroso, não te demores. A
 lingua é cheia de metáforas como essa.

anāma. Abé omuapire ipáua paraná mirim
 parentes. Elle emendou todos do rio pequeno

remijua rupi. ocuaxára arāma cuaçú aquaíma
 margem pela, responder para veado tolo

cupé; aramé quai onhehē:— Cuaçú, reiú
 ao; então assim fallou: — Veado, você

mungaturú āna será? Cuaçú acuaxára: — Ixé
 prompto já está? Veado respondeu: — Eu

xá ikó āna: Iauti opuranú: — Auá tahā
 eu prompto já. Jabuti perguntou:— Quem que

onhāna tenoné?
 corre adiante?

Cuaçú opucá, onhehē:—Reçó tenoné, iauti
 O veado rio-se, e disse: —Tu vás adiante, jabuti

tete. »
 miseravel.»

Iauti inti unhāna; oganāni cuaçú, oçó
 O jabuti não correu; enganou ao veado, e foi

opú ipauaçape.
 ficar no fim.

Cuaçú oikuente oruíari reçé ce tĩmān
 O veado estava tranquillo fiar-se por suas pernas

reçé.

em. (O veado estava tranquillo por fiar-se em suas
 pernas.)

Iauti anāma oçacéma cuaçú reçé. Cuaçú
 Do jabuti o parente gritou veado pelo. O veado

ocuaxára çacaçuera keté. Quai cuaçú onhehē:
 respondeu atraz para. Assim o veado fallou:

— Aique xa çó, iúrará cahapóra!
 — Eis-me que vou, tartaruga do máto!

Cuaçú unhāna, unhāna, unhāna, ariré oçacéma:
 O veado correu, correu, correu, depois gritou:

— Iauti! Iauti anāma ocuaxára tenoné
 — Jabuti! Do jabuti o parente respondeu adiante

tenhē. Cuaçú onhehē:—Aique xa çó apgáua.
 sempre. O veado disse: —Eis-me que vou, ó macho.

Cuaçú unhāna, unhāna, unhāna, oçapucái:—
 O veado correu, correu, correu, e gritou: —

Iauti! Iauti tenoné tenhē ocuaxára.
 Jabuti! O jabuti adiante sempre respondeu.

Cuaçú onhehē:—Xa ú raín i.
 O veado disse: — Eu vou beber ainda agua.»

Aápe tenhē cuaçú okiriri.
 Ahi mesmo o veado calou-se.

Iauti oçacéma, oçacéma, oçacéma... Inti auá
 O jabuti gritou, gritou, gritou... Ninguém

ocuaxára ahé. Aramé onhehē:—Nhahā apgáua
 respondeu a elle. Então disse: —Aquelle macho

ipó omanón āna; tenupá rain xa çó xa
póde ser que morreu já; deixa ainda que eu vá eu

mahā ahé.
vêr a elle.

Iáuti onhehe quai irumoára itá arāma: —
O jabuti disse assim seus companheiros para: —

Xa çó meué rupi xa mahā ahé.
Eu vou devagarinho vêl-o.

Iáuti océma ramé paraná remépe, onhehe
O jabuti sahio quando do rio na margem, disse

quaié: Tirain (intí rain) cereái.
assim: Nem se quer eu suei. (Quando o
jabuti sahio na margem do rio disse: nem se quer eu
suei.)

Aramé ocenóin çuaçú recé: — Çuaçú! Intimahā
Então chamou veado pelo: — Veadol!» Nem nada o

çuaçú oçuxára ahé.
veado respondeu-lhe.

Iáuti irúmoára omahā ramé çuaçú
Do jabuti os companheiros olharam quando veado

recé, onhehē āna: — Cupí-tenhe omanū-āna.»
sobre, disseram: — Em verdade morto já está.»

Iáuti onhehē: — Iaçó iaiuíca i cāuíera.
Jabuti disse: — Vamos nós tirar seu osso.

Amuitá ðpuranú: — Marāma tahá reputári?
Os outros perguntaram: — Para que é que tu queres?

Iáuti oçuxára: Xa peiú arāma i pupé
Jabuti respondeu: Eu assoprar para elle em

opāz ára opé.
todo tempo em.

Cuhíre xa çó āna pé çuí te curi-
Agora me vou embora aqui de até

amuára opé.
algum dia em.

IÁUTI OIUIUANTI MACACAITA IRUMO
 O jabuti encontra-se macacos com

Talvez falte também alguma coisa neste episódio, porque se não compreende bem qual a razão deste encontro do jabuti com os macacos.

Iáuti miri ouatá, ouatá, ouatá mocôí ára
 Jabuti sinho andou, andou, andou de dois dias

pucuçáua, oiuiúanti macáca irúmo, oikô uahá
 o espaço, encontrou-se macacos com, estavam que

juá juá recé, onhehé macaca çupé:—Macáca,
 de fructa arvore sobre e disse macaco ao: — Macaco,

reomburi amú juá xa ú arāma. • Macáca
 tú jogues alguma fruta eu comer para. • Macaco

oçuaxára:
 respondeu:

—Reiupiri, inti-será apgáua ndê? Iáuti
 —Suba, por ventura não é macho você? Jabuti

onhehé:—Ixé apgáua çupí; inti xa iúpiri
 disse: — Eu sou macho na verdade; não eu subir

pulári, çé maráári recé.
 quero, eu estar cançado por. (Eu não quero subir por

Macáca onhehé:—Manhúm (*) xa
 estar cançado). Macaco disse: — Semente o que eu

munhã quáu indéu xa çó ne piāmo aquí
 fazer posso a você é o eu ir a você buscar d'ahi

ki keté. Iáuti onhehé: Aramé iure çé piāmo.
 aqui para. Jabuti disse: Então venha me buscar.

Macáca oiçé, puraçó iuaté keté iáuti; aipe
 Macaco desceu, carregou cima para o jabuti; lá

oxári ahé. Iáuti opita ápe mocôí ára
 deixou elle. O jabuti permaneceu ahi dous dias

riré, inti quáu oiçé recé.
 depois, não poder descer por. (Por não poder descer.)

(*) Manhúm—é uma contracção de—mahã anhũ—
 aquillo somente.

IAUTI IUIRI IAUARAETÉ
 Jabuti e de novo a onça

Posto em cima de arvore, de onde jabutis não podem descer, e apparecendo alli a onça com fome, a situação do jabuti era critica. A onça diz-lhe que desça; elle comprehendeu que se recusasse a onça subia e o agarrava lá; por isso pediu á onça para aparral-o com a boca o que esta fez de boa vontade pois era o meio prompto de comêr o jabuti em vez de saltar-lhe na boca, este saltou-lhe no focinho, e assim matou-a. Um jabuti grande pôde pezar até quatro kilos, e cabindo do galho de uma arvore, digamos de cinco metros de altura, podia sem duvida matar a onça.

Neste episodio, como em outros, o pensamento parece ser este: a intelligencia unida á ousadia vencem situações que parecem desesperadas.

Iauaraeté oiuguáú árúpi. Iauaraeté omahã
 A onça appareceu por alli. A onça olhou

íuaté keté xipiá iántí teté, onhehê quaié:—
 cima para vio o jabuti coitado, disse assim:—

O' iántí, mahá rupi rejupíri? Iántí oçuxára:
 O' jabuti, por onde tu subiste? Jabuti respondeu:

— I íuá íua rupi. Iauareté iumaçíçaua
 — Esta de fruta arvore por. A onça fome

írúmo, onhehê:— Reoiçãna! Iántí quai onhehê:
 com, replicou:— Desça! O jabuti assim fallou:

Requanti ixé aápe; repírari ne iúrú, intí arãma xa
 Apare me lá; abra a tua boca, não para que eu

ári íuípe. Iántí opúríanã, otucá
 caia chão no. O jabuti pulou, foi de encontro da

iauaraeté tim; omanê iurupari. Iántí
 onça ao focinho; morreu a diaba. O jabuti

oçarú nhum iúca riré ãna, oiúca ãna
 esperou até apodrecer depois de, e tirou

i memí. Aramé iántí oçó ãnã, opeiú i
 sua fruta. Então o jabuti foi-se tocava sua

memí quaié onheengári:— Iauaraeté cãuêra cereme
 fruta, assim cantava: — Da onça o osso e a minha

mí — ih! — ih?
 fruta — ih! — ih?» (*)

(*) Tirar o osso da canella do inimigo para com elle fazer uma fruta, era entre os selvagens um dever de todo guerreiro leal e valente. Aquelles que quizerem ver o que erão essas frutas ou memins encontrarão numerosas no Museu Nacional, feitas de canella de onça e julgo que tambem de canellas humanas. Comprehende-se, a vista disso, o prazer e orgulho com que o jabuti tocaria em um memin feito de canella de onça, pois equivalia isso a celebrar sua victoria sobre um animal muito mais forte do que elle.

Membri

IAUTI AMU IAUARAETE
O jabuti e outra onça

O pensamento desta lenda é o mesmo da antecedente. Não escapará ao leitor a finura com que o jabuti altera a canção, que injuriava a onça, até que deparou um buraco junto ao qual a podia cantar impunemente.

Não estará ali contido o pensamento seguinte: — quando quizerdes injuriar teu inimigo, vê primeiro se estás em situação em que elle te não possa fazer mal?

Amú iauaraetê oiapicáca, oúri iáuti
Outra onça ouviu e veio jabuti

píri, opuranú ixupé:
ao, perguntou a elle:

— Mâhí catú tahá repeiú ne mím mím!
— Como bem que tocas tua fruta!

Iáuti oçuaxára: —Xa peiú cerememím
O jabuti respondeu: —Eu toco minha fruta

quaié: * Quaçu cãuéra cerememím
assim: * Do veado o osso e minha fruta,

ih! ih! — Iauaraetê onhehé: Intí
— A onça disse: A modo

nungára quaié xa cenô repeiú. * Iáuti
que não foi assim que eu ouvi você tocar. * O jabuti

oçuaxára: — Retirica mi ketê xinga; apecatú
respondeu: — Afasta-te de aqui um pouco; de longe

quí reapiçáka purānga píre. * Iáuti ocicári
escutarás bonito mais. * O jabuti procurou

quára opitá i okéna upé, opejú i
um buraco pôz-se sua porta na, e tocou sua

mémím: — Iauaretê cãuéra cerememím y! y!
fruta: — Da onça o osso é minha fruta ih! ih!

Iuaretê ocenô ramé, zãna opicáka arāma ahé;
A onça ouviu quando correu agarrar para elle;

Iáuti ouimunéo iniquára rupí. Iuaretê
O jabuti meteu-se do chão buraco pelo. A onça

omunéo i pó, opicáka nhúm ce
metteu della a mão, agarrou apenas delle a

timan recé. Iáuti opucá onhehé:
perna sobre. O jabuti deu uma risada e disse:

— Maité opicáka ce retimán opicáka
— Pensou que agarrou minha perna e agarrou

nhúm mirá rapú! Iuaretê quaié onhehé:
apenas de páo raiz! A onça assim disse:

Tenupá oikó. *
Deixa estar. *

Oxári Largou	Íáuti do jabuti	retiman. a perna.	Íáuti O jabuti	opucá rio-se
mucôĩ segunda	uê, vez	onhehê : — e disse : —	Ce Minha	retimã perna era
tenhê, mesmo,	iepé. porém.			
Iauaretê A onça	aquajma tola	uaçú grande	oçarú esperou	até até omanõ. morrer.

ÍÁUTI MICURA
Jabuti e raposa

O ensino contido nesta lenda é o mesmo da fabula grega — A raposa e o corvo — dando-se até a coincidência de, tanto nella como na fabula de Phedro, ser o lisongeiro personificado pela raposa. «Ninguém deve fazer a outrem aquillo que elle pede depois de lisongear, porque expõe-se a ser lo-grado.» A maxima é assim desenvol-vida: O jabuti recusou-se a emprestar á raposa sua frauta; a raposa pe-dio-lhe então que tocasse; o jabuti tocou cousa muito sem graça, que no entretanto deu motivo á raposa para admirar-se do quanto elle jabuti era formoso tozando o instrumento; o ja-buti, depois dessa lisonjearia, fez o que a principio recusára, isto é: em-prestou a frauta, e a raposa fugio com ella.

A segunda parte da lenda é o des-envolvimento daquella outra maxima, a qual, como já note, atraz, parece que sobre tudo preocupava os mestres selvagens, isto é: a intelligencia tudo vence; o jabuti, com o ser um animal vagarosissimo, consegue no entretanto por uma espirituosa astucia reha-ver a frauta roubada pela raposa. A se-gunda parte da lenda é chocante para

nossos hábitos. Aquelles que já leram as comedias de Aristophanes, verão que o indigena ficou muito d'quem do poeta grego em materia de liberdade de scena.

Iáuti, ipahá, orekô iepé memî; oiepé ára,
Jabuti dizem que tinha uma fruta; um dia,

opeiú ramé oikó ce memî, mîcúra pahá
tocando quando estava sua fruta, a raposa dizem que

ocenû oçó, onhehê iáuti çupé: — Repurú ixé ne
ouvir foi, e disse jabuti ao: — Emprста me tua

memî? Iáuti oçuaxára: — Ixé tio. (intí)
fruta? O jabuti respondeu: — Eu não,

remuiáúu arâma cerememî! Mîcúra
fazeres fugir para a minha fruta! A raposa

onhehê: — Aramé repeiú, iacenô arâma ne
disse: — Então toque, nós ouvimos para tua

rememî. Iáuti opeiú ce memî qaié: *fn, fn,*
fruta. O jabuti tocou sua fruta assim: *fn, fn,*

fn, fn, culo fon, fn. Mîcúra onhehê: — Mai
fn, fn, culo fon, fn. A raposa disse: — Com o

ipurá retê inê ne rememî irúmo, iáuti!
formosissimo é você tua fruta com, jabuti!

Epurú xinga ixé arâma. Iáuti onhehê: —
emprста um pouco mim a. O jabuti disse: —

Repîçka! Tenhê reraçó cerememî; reuiana
Tome! Agora não leves minha fruta; se correres,

ramé, xa iapi ne cupépe quahá iráiti. Mîcúra
eu atiro tua costa na esta cera. A raposa

opîçka, opeiú iáuti rememî; oçahên
tomou, e tocou do jabuti a fruta, experimentou

opuraçôn, uacema ipurân retê; unhâna âna
dansar, achou bonito muitissimo; correu

memî irúmo. Iáuti unhâna çakequêra: mai
a fruta cem. O jabuti correu atraz: mas

timahâ unhâna; cenápe te pahá oiú
não correu; lugar no mesmo dizem que volta

úire oikó; aramé onhehê: — Tenupá,
voltando estava; então disse: — Deixa estar,

mîcúra! curumirinte xa pîçka curi inê. —
raposa! d'aqui a pouco eu apanharei você. —

Iáuti oçóâna cahá rupi, oçika paraná
O jabuti foi bosque pelo, chegou do rio

remêhipe, omunúca mîrá omunhâ arâma mîta.
margem a, cortou madeira fazer para ponte

oiaçáu arâma i ári rupi; oçika çuaindá-
atravessar para cima por; chegou outra margem

pe. oiúpiri, omunúca ira m'ira, oiúuca m'ira
na, atrepou, cortou de mel arvore, tirou de pão

ira. oiúiri āna çakaquera keté, oc'ka m'icúra
mel, voltou atraz para, chegou da raposa

rapé pé, oiaticá i akāin (akanga) iú! pe,
caminho no, afincou sua cabeça chāo no,

opiç'ka m'ira ira, omumúri xiquára pé. Cupucú
pegou de pão o mel, ungio D'ahi a

xinganté m'icúra oc'ka aape, omahā nhahā
pouco a raposa chegou alli, e olhou áquella

i reçé; çin'púca purāin nhahā !!
agua sobre; lustrosa e bonita que era aquella agua.

M'cúra onhehé: Ih... mäháta tecualha? Ariré
A raposa disse: Ih... o que será isto? Depois

omundéo i dedo, oceréu onhehé:—Hi... i... i...
enfiou seu dedo, lambou e disse:—Hi... i... i...

ira quahá! Amú m'icúra onhehé: —Mähān! ira
mel é isto! Outra raposa observou:—Que! mel

nhahā? Anhen! Iáuti riquára nhahā, mai
aquillo? Qual! Do jabuti é aquillo, como

tahá? Amú oçuxára: —Mahā Iáuti riquára
então? A outra respondeu: —Que de jabuti

quahá! ira quahá, mai tahá? Oinç! r. t. é
isso! mel é isso, como então? Sedenta muito

āna, omundéo āna i apecô i pupé. Iáuti
estava, introduzio sua lingua nelle. O jabuti

oiúica xi quára; m'icúra oçacéma: —Rexári
apertou seu a raposa gritou: —Deixa

ce apecô, (apecôn) Iáuti! Amú onhehé:
a minha lingua, ójabuti! A outra disse:

—Mäháta xa nhehé indé arāma? Iáuti riquára
—O que eu disse te? De jabuti

nhahā xa nhehé ra pahá ne arāma: iné renhehé:
isso eu disse que era ti á: tu disseste:

—Ira quahá, mai tahá? Iáuti gaié onhehé: —
—Mel é isto, como então? O jabuti então disse: —

Han! han! mäháta xa nhehé iné arāma? Mäháta
Ham! ham! o que eu disse você á? Cadé que eu

intí xa piç'ka iné? Iné, pahá, oquáu
não te apanhei? Tu, dizem, esperta és

reté, m'icúra! Mahápa ahé cerememí?
muitissimo, raposa! Que é da minha frauta?

M'cúra oçuxára: —Intimahā xa reçó, Iáuti.
A raposa respondeu: —Não eu tenho, jabuti.

Iáuti onhehé: —Reréçó, mai tahá? Erúri.
O jabuti disse: —Tu tens, como então? Traze,

erúri, curuté, curumé xa iúica reté.
traze, já, senão eu aperto muitissimo.»

M'icúra omehé ce memí uāna.
A raposa entregou sua frauta já.

IX

IAUTI MĪCURA

O jabuti e a raposa

O jabuti e a raposa apostam para vér quem resiste mais tempo á fome. Sendo o jabuti um animal que hiberna, pôde supportar a experiencia por dous annos, e della sahir com vida; outrotanto não aconteceu á raposa, que não tendo a mesma natureza do jabuti morreu em meio da experiencia.

Parece que a parabola quiz ensinar que: pelo facto de um homem fazer uma cousa, não se segue que todos a possam fazer, e que, antes de emprehendê-la, devemos primeiro consultar se a natureza nos dotou com as qualidades necessarias para sua realisação. Este mesmo pensamento é desenvolvido em uma serie de lendas, que adiante publicamos com o titulo de — Casamento da filha da raposa — sendo de notar-se que, tanto nesta, como naquellas, a raposa é a victima. Entre os nossos indigenas, como entre os gregos e romanos, a esperteza da raposa é frequentemente exposta a ridiculo, e figurada como nociva á mesma raposa.

Iauti oiki iui quára, úpe, opéiú ce
Jabuti entrou do chão buraco em, assoprrou sua

mēm̄, opuraçõin (opuraçai) oikó: fin, fin, fin.
fruta, dançando estava:

fin, culo, fom, fin, fin, culo, fom, fin, culo fom, fin.
culo, fom, fin, te tein! te tein! te tein! (*) Mĭcúra
Raposa

oc̄ka ocenô: iáuti: — O iáuti?
veio chama o jabuti: — O' jabuti?

Iáuti oçuaxára: — U! Mĭcúra onhehé: — Iaçó
Jabuti respondeu: — U! A raposa disse: — Vamos

iaçãñ ianê quĩrĩmauaçãna? Iáuti oçuaxára:
experimentar nossa valentia? Jabuti respondeu:

— Iaçó, mĭcúra; auáta tenoné? Mĭcúra onhehé:
— Vamos, raposa; quem vai adiante? Raposa disse:

— Iné, iáuti. »
— Tu, jabuti. »

— Eré, Mĭcúra; m̄ire acaíú tahá,
— Está bom, raposa; quantos annos serãõ,

mĭcúra ? » Mĭcúra oçuaxára : — Muçapira
raposa ? » A raposa respondeu : — Dous

acaíú. » Aramé mĭcúra oc̄kináú Iauti iui
annos. » Então a raposa fechou o jabuti do chão

(*) Quando elles narram a lenda, cantam, nesta parte, a musica attribuida ao jabuti, que eu não posso reproduzir aqui, não obstante têl-a em manuscrito.

quára opé; ocikináu opáu rirê, onhehê:
buraco em; de fechar acabou depois que, disse:

— Erê, Iautí, xa çó ãna.*
— Adeus, Jabuti, me vou embora.»

Acaiú iauê iauê oúri, onhehê Iautí
De anno em anno vinha, fallar o jabuti

irúmo; ocíka iui quára rokêna opé,
com; chegava do chão do buraco porta na,

ocenôí iautí: — Oh iautí! » Iautí oçuaxára:
chamava o jabuti: — Oh jabuti! » O jabuti respondia:

— O micúra, itauá-na será taperejua?
— O raposa, amarellas já estarão as fructas do
taperebá?»

Micúra oçuaxára: — Intí raín, iautí; cuñre
Raposa respondia: — Ainda não, jabuti; agora

ramún taperejua i putíra oikó;
apenas os taperebaseiros em suas flores estão;

erê, iautí, xa çõãna réin. (raín). » A çui
adeus, jabuti, me vou embora ainda.» D'ahi

ocíka ramé ára iautí océma arāma,
chegou quando o tempo o jabuti sahir para,

micúra oúri, ocíka iui quára okêna
a raposa veio, chegou do chão do buraco porta

opé, ocenôí. Iautí opuranú: — Itauána
em, chamou. O jabuti perguntou: — Amarellas já

será taperejua? Nhahã oçuaxára:—
estão as fructas do taperebá? Aquella respondeu:—

Iá, iautí, cuñre çupi; iá
Agora sim, jabuti, agora estão na verdade; agora sim,

nōma catú oikó imíra uirape (uirpe).
grosso della bein está da arvore em baixo.

Iautí océma ãna, onhehê:— euki, micúra.
O jabuti saho, disse:— Entre, raposa.»

Micúra opuranú: — Mizre acaiú tahã,
A raposa perguntou:— Quantos annos serão,

iauti? » Iauti oçuaxára: — Herupí acaiú,
jabuti? » O jabuti respondeu:— Quatro annos,

micúra. » Iauti omundêo micúra iui
raposa O jabuti metheu a raposa do chão

quára upé, oçõãna. Oiepe acaiú rirê
buraco no, e foi-se embora. Um anno depois

iauti oiure, onhehê arāma micúra irúmo;
o jabuti voltou, fallar para raposa com,

ocíka iui, quára rokêna upé, ocenôin: — O
chegou do chão do buraco porta em, chamou: — O

micúra? Micúra oçuaxára: — Itauána
raposa? A raposa respondeu: — Amarellas já

será naná, iauti? » Iauti oçuaxára: —
estarão os ananás, jabuti? » O jabuti respondeu:—

Iá inti rain, mĩcúra : cuhĩre ramúm aítá
Qual! ainda não, raposa; Agora apenas elles

oçupĩri oikó. Xa çó ãna, re, mĩcúra.
rossando estão. Eu vou embora, adeus, raposa.

muçapĩra acaĩú riré, iautĩ oiũre ocenõĩ:
Dous annos depois, o jabuti voltou e chamou:

— Oh mĩcúra! O quirinĩnte! Iautĩ ocenõĩ:
— Oh raposa! Calada! O jabuti chamou

mucuingáua. O quirirĩnte! merú ocenma
segunda vez. Calada! as moscas sahião

antãna quára çui. Iautĩ opirári iũĩ
só buraco do. O jabuti abriu do chão

quára, onhehẽ : — Quahá mamungára o manũ
buraco, disse : — Este ladrão morreu

ãna. Iautĩ ocĩkẽ ocára keté :
já. Jabuti puxou fõra para :

— Xa nhehẽ rapahá ne arãma,
—Eu disse, o que foi que, você para,

mĩcúra? Iné intimahãn apgáua, réiũaãh
ó raposa? Tu não eras macho, experimentar-se

arãma ce irumo. Iautĩ oxári ahé
para eu com. O jabuti deixou-a

aápe oçó ãna.
ahi e foi-se embora.

IAUTI APGAUA
Jabuti e o homem

A proposito desta lenda eu disse na
Introduccão o seguinte, que repito
para facilitar a analyse:

No decimo episodio, o jabuti é apa-
nhado pelo homem, que o prende dentro
de uma caixa, ou de um patuá, como
diz a lenda; preso, elle houve dentro
da caixa o homem ordenar aos filhos
que não se esqueçam de pôr agua no
fogo para tirar o casco ao jabuti, que
devia figurar na cãa; elle não perde o
sangue frio; tão depressa o homem
salhe de casa, elle, para excitar a cu-
riosidade das crianças, filhos do ho-
mem, põe-se a cantar: os meninos
aproximam-se; elle cala-se: os meninos
pedem a elle que cante mais um pouco
para elles ouvirem: elle lhes responde:
— ah! se vocês estão admirados de me
verem cantar, o que não seria se me
vissem dansar no meio da casa?

Era muito natural que os meninos
abrissem a caixa; que crianças have-
ria tão pouco curiosas que quizessem
deixar de ver o jabuti dansar? Ha
nisto uma força de verosimilhança
cujã bellezã não seria excedida por
Lafontaine. Abrem a caixa, e elle
escapa-se.

Esta lenda ensina: que não ha tão

desesperado passo na vida do homem do qual se não possa tirar com sangue frio, intelligencia, e aproveitando-se das circumstancias.

Iáuti ocika tipiaia opé, opeiú oikó ce
Jabuti chegou covão no, assoprando estava sua

memi. Mira itá oçaçáu oikó nahá, ocenũ.
fruta. As gentes passando estavam que, ouviam.

Oiepé apgáua onhehê: — Xa çó xa picika nahã
Um homem disse: — Eu vou eu apanhar aquelle

iáuti. Oçica tipiaia opé, ocenõ: — O' iáuti!
jabuti. Chegou covão no, chamou: — O' jabuti!

Iáuti oçuaxára: — U! Apgáua onhehê: — Iúri,
O jabuti respondeu. — U! O homem disse: — Venha,

iáuti!
jabuti.»

Eré, aiqué, xa çó. Iáuti océma,
Pois bem, aqui estou, eu vou. O jabuti sahio,

apgáua opicika ahé, oraçõ ãna óca keté, ocika
o homem apanhou elle, levou-o casa para, chegou

ramé óca opé, ocikínáu iáuti patuá pupé.
quando casa em, trancou o jabuti caixa dentro da.

Coéma ramé, apgáua onhehê taína itá çupé: —
Manhã sendo, o homem disse meninos aos: —

Tenhén pepirári iáuti; oçó uãna cupixáua
Agora não soltem vocês o jabuti; foi-se roça

keté. Iáuti patuá quára opé, opeiú oikó
para. O jabuti da caixa dentro em, tocando estava

ce memi. Taína itá ocenũ, oúri oçapicaca arãma,
sua fruta. Os meninos ouvem, vem escutar para.

Iáuti okiriri. A çuí taína itá onhehê: —
O jabuti calou-se. D'ahi os meninos disseram:—

Repeiú, iáuti! Iáuti oçuaxára: — Penhe
Assopra, jabuti! O jabuti respondeu:— Vocês

peuacéma puraí catú; mamétè uacémo catú
acham bonito muito, como não achariam bello

pexipiá ramé, xa puraçõin!... Taína itá
vocês vissem se, eu dansar!... Os meninos

opirári patuá, omahã arãma iáuti opuraçõin.
abrem a caixa, vêr para o jabuti dansar.

Iáuti opuraçõin ocap! rupí: tum, tum! tum,
O jabuti dança quarto pelo: tum, tum! tum,

tum! tum, tum; tum, tum; tein! Açuí iáuti
D'ahi o jabuti

oieruré taína çuí, oçó ocarúca arãma. Taína
pedio meninos dos, ir ourinar para. Meninos

onhehê ixupé:—Ecoín, iáuti; tenhén reiáuá.
disseram a elle:—Vá, jabuti; agora não fuja.»

iaúti *océma* *óca* *cupé* *keté* *unheña*
O jabuti *sahé* de casa *atraz* para, correu

oiumími *tipáia* *pitérape* *Aramé* *taina* *itá*
escondeu-se do cerrado *meio em*. Então *meninos*

onhehé:—Iánti *oiánáana*. Oiepé *aitá* *quí* *onhehé*;
disseram:—Jabuti *fugio*.» Um *delles* *disse*:

Cuhé *taté* *curi?* *Mái* *tahá* *curi*
Agora *como ha de* *ser?* Como *é que* *hавemos*

onhehé *iané* *rúba* *cupé* *ocika* *curi* *ramé?*
de *fallar* *nosso* *pai* *a*, *chegar* *quando?*

iaçó *iaquatiára* *iepé* *itá* *iaúti* *piréra*
Vamos *pintar* *uma* *pedra* *do* *jabuti* *do* *casco*

pinimaçáua *iaué* *curumú* *ocika* *curi*
a *pinta* *como a*; *se não*, *elle* *chegar*

ramé *onupén* *curi* *iané* *iaué* *tenhén* *aitá*
quando, *bater-nos-ha*. Assim *mesmo* *elles*

omunhá. *Caarúca* *ramé* *aitá* *rúba* *ocika*,
fazem. De *tarde* *delles* *o* *pai* *chega*,

onhehé *aitá* *cupé*:—*Pemuapça* *itanhaé*
diz *elles* *á*:—*Ponham* *a* *panella*

tatá *pe*, *iapirúca* *arāma* *iaúti*. *Aitá* *onhehé*:
fogo em, *descascarmos* *para* *o* *jabuti*. *Elles* *disseram*:

Aiquāna *tatá* *pé*. *Túba* *ombúri* *āna* *itá* *quatiára*
Está já *fogo no*. *O* *pai* *pöz* *a* *pedra* *pintada*

itanhaen *pupé*, *omaité* *iaúti* *quahá*. *Ariré* *onhehé*
panella *na*, *pensa* *jabuti* *ser* *isso*. *Depois* *disse*

aitá *cupé*: *Peiúuca* *itanhaé* *miri* *ia* *ú*
elles á: *Vocês* *tirem* *pratos* *nós* *comermos*

arāma *iaúti*. *Taina* *itá* *oraçó* *āna*. *Túba*
para *o* *jabuti*. *Os* *meninos* *levaram-nos*. *O* *pai*

oiuúca *iaúti* *itanhaé* *çni*, *ombúri* *ramé*
tirou *jabuti* *panella* *da*, *pöz* *quando*

itanhaé *miri* *upé*, *omupúca* *āna* *ahé*. *Túba* *onhehé*
prato *no*, *quebrou* *elle*. *O* *pai* *disse*

taina *itá* *cupé*:—*Penhē* *pexári* *será* *iaúti* *oiáuá?*
meninos *aos*:—*Vocês* *deixarão* *o* *jabuti* *fugir?*

A *itá* *onhehé*:—*Intimahã!* *A* *itá* *onhehé* *ramé*
Elles *disseram*:—*Não!* *Elles* *fallavam* *quando*

cccé, *iaúti* *opeiú* *ce* *memi*. *Apgáua*
sobre *isso*, *o* *jabuti* *assoprou* *sua* *fruta*. *O* *homem*

ocenô *ramé*, *onhehé*:—*Xa çó* *xa picika* *iúre*
ouvio *quando*, *disse*:—*Eu* *vou* *eu* *apanhar* *de* *novo*

ahé.» *Ocô*, *ocenô*:—*O* *iaúti!* *Iaúti* *ocuxára*:
elle.» *Foi*, *chamou*:—*O* *jabuti!* *O* *jabuti* *respondeu*:

—*U!*» *Apgáua* *ocô* *ocikári* *iaitua* *urpe* *rupi*.
—*U!*» *O* *homem* *foi* *procurar* *cerrado* *baixo* *por*.

Ocenô:—*Iúre*, *iaúti!*» *Ahé* *ocenô* *ramé* *amú*
Chamou:—*Vem*, *jabuti!*» *Elle* *chamava* *uma*

cuáxára	çuí,	jáuti	oçuaxára	çacaquera	çuí.
banda	de,	jabuti	respondia	atrás	de.

Apgáua	oikeré,	oiú'ri,	oxári	ahé.
O homem	aborreceu-se,	voltou,	deixou	elle.

IAUTI CAHAPORA-UACU'
Jabuti e Gigante

A palavra —Cahapora-uacü — significa: o grande morador do matto.

A presente lenda é, como as antecedentes, destinada a ensinar ao selvagem a supremacia da força da intelligencia sobre a força physica, ensino que, como observei na introdução, tendria a elevar o selvagem do estado de barbaria em que se achava para o de civilisação. Cumpre porém não esquecer que estamos diante de povos pagãos, cuja moral não é christã; portanto nada ha de estranhar se, para mostrar o ascendente da força intellectual sobre a physica, elles não escrupulisam em empregar a astucia e o engano como manifestações legittimas da intelligencia:

O jabuti, que não tem força physica, apostou com o Gigante a vér quem arrastaria ao outro. Tomaram cada um a extremidade de uma corda; o jabuti devia puxar de dentro d'agua; o gigante de terra. Aproveitando-se desta circumstancia, o jabuti mergulha e amarra a corda na extremidade da cauda de uma baléa, e, nadando para terra por baixo d'agua, veio se esconder na margem, de onde presenciou a luta, até que o Gigante, reca-

nhecendo que não podia vencer, dea parte de cangado; o jabuti mergulhou de novo, e desatando a corda, sahio para terra e cantou victoria.

Iautí oc'ka oiepé m'rá quára
O jabuti chegou um de arvore buraco

pé, opeiú ana oikó ce memi; Cahapóra ocenân
em, tocado estava sua fruta; Cahipora ouvio

onhehé: Inti aná nhabã inti Iauti;
disse: Ninguem é aquelle senão o jaboti;

Xa çó xa pieça ahê. Oc'ka m'rá
Eu vou eu apanhar elle. Chegou da arvore

quára okéna ruaké. Iauti opeiú ce
do buraco porta junto. O jabuti tocou sua

memi: fin, fin, fin, culô fom fin. Cahapóra
fruta: fin, fin, fin, culô fom fin. Cahipora

oceno: — Iauti ?» Iauti ocuaxára: U !» — Iúri,
chamou: — O jabuti» O jabuti respondeu: U !» — Vem,

Iauti, iaçó iaçahã ia kirimauaçáua.
jabuti, vamos experimentar nossa força.

Iauti onhehé: — Iaçó iaiaçahã
O jabuti retorquio: — Vamos nós experimentar

maí reputári iaucé. Cahapóra ocó
como tu quizeres assim. Cahipora foi

cahá pe, omunéca xipó, orúri xipó paraná
maíto em, cortou cipó, tronco cipó do rio

remeçua keté, onhehé Iauti çupé: —
beirada á, disse jabuti ao: —

Iaçã ana. Iauti: iné ipe: xixé
Experimentemos, jabuti, tu n'agua: eu

juçpé.» Iauti onhehé: — Re, Cahapóra.
em terra.» O jabuti disse: — Bom, Cahipora.

Iauti opúri ipe tupaçama irúmo, ocó
O jabuti saltou n'agua corda com, foi

opuquára tupaçama pirá-uacú ruáia recé:
amarrar a corda da balêa cauda sobre:

Iauti oiúre iui keté, oiumimi
O jabuti voltou terra para, se escondeu

iaitua uirape. Cahapóra oc'ki tupaçama;
do cerrado em baixo. Cahipora puxou a corda;

Pirauacú oiumúquirimáu, oraçó Cahapóra
A balêa fez força, arrastou o Cahipora

iaíúra rupi catú ipe. Cahapóra oiumú-
pescoco pelo até agua na. Cahipora fez força

kirimáu, omumúri putári catú piráuacú
por queria até da balêa

ruáia iui pé. Piráuacú oimúkimáu
a cauda terra em. A balêa fez força

oraçõ
arrastou Cahapóra
Cahipora iaiúra
pescoço rupi catú ipe.
pelo até agua.

Iauti iaitiua uirape. omahã, opucá
O jabuti do cerrado em baixo, via, rindo

oikó. Cahapóra imaraári ãna ramé.
estava. Cahipora cançado já quando estava,

onhehé : — Aiãna, iauti ! » Iauti opucá,
disse : — Basta, jabuti ! » O jabuti riu-se

opñri ipe, ocó oiuráu tupaçama
saltou n'agua, foi desatar a corda

pirauaçú ruáia cui. Cahapóra ociké ahé
da baléa cauda da. O cahipora puxou elle

tupaçama irúmo. Iauti ocika iu ipe.
corda com. O jabuti chegou em terra.

Cahapóra opuranú ixui : — Ne maraári
Cahipora perguntou delle : — Tu estás cançado

será, iauti ? » Iauti oçuxára : — Intimahan;
jabuti ? » O jabuti respondeu : — Não,

mahã pahã cereái ? » Cahapóra onhehé : —
que é de que eu suei ? » Cahipora disse : —

Cuhire, çupi. iauti, xa quauãna iné
Agora, certo, jabuti, eu sei que tu es

apãua pñre çe cui. Xa çoãna, re.
macho mais eu do que. Vou-me embora, adeus.

Com esta terminam-se as lendas do jabuti, que, como o leitor viu, compõem-se de dez pequenos episódios. Tenho lembrança vaga de mais umas duas lendas, mas, não encontrando as copias que provavelmente perdi em alguma de minhas viagens, não me animo a incluí-las aqui de memória.

As lendas precedentes eu as ouvi em muitos logares; mas, quando as tomei por escripto, o narrador das primeiras era do Rio Negro; o da quinta e sexta era do Tapajós; o da setima até a decima era do Juruá; d'ahi algumas pequenas diferenças na lingua, peculiares a essas localidades, diferenças que conservei para no futuro se poder avaliar o como os dialectos se formaram.

XII

CUAÇU IAUARAETÉ

O veado e a onça

A lenda seguinte, dividida em dous pequenos episódios, é o desenvolvimento da seguinte maxima:

Aná nhahã oikó uahá çuããna
irúmo intí opituú quáu.

Quem mora com o seu inimigo não
póde viver tranquillo.

A maxima é desenvolvida com grande habilidade, sem lhe faltar o interesse de uma acção dramatica muito simples, mas muito propria para fixa-la na intelligencia infantil de povos que não haviam ainda transposto o periodo da idade de pedra.

Como não seria natural que dous inimigos fossem voluntariamente morar juntos, o bardo indigena suppoz que o veado, depois de haver escolhido um lugar para casa, retirou-se; e que a onça, ignorando a escolha prévia do veado, escolheu o mesmo lugar; que aquelle veio depois que a onça retirou-se, roçou e limpou o lugar; que a onça, vindo depois que o veado se havia retirado, julgou que Tupán a estava ajudando, e assim trabalharam successivamente, cada um suppondo que era Tupán quem fazia o trabalho do outro, até que, concluida a casa,

quando deram pelo engano, para não perder o trabalho, resignaram-se a morar juntos, resultando d'ahi uma situação de reciprocas desconfianças, que é descripta com tanta singeleza quanta felicidade de factos.

Para variar a fórma do exercicio, em vez de darmos a traducção litteral por baixo de cada palavra tupi, damos primeiro a lenda indigena e só em seguida a traducção, na qual empregamos as fórmas usadas em portuguez pelo nosso povo.

§ I

Çuaçú onhehê: — Ixé xa çaçáu xa ikó murakí; xa çó xa cicári tendáua catú xa munhã arãma çé róca. »
Oçó ãna paraná remejuá rupí, uacemo tendáua catú, onhehê: — Iké tenhê xa munhã çé rúca (róca).

Iauareté iúñri onhehê: — Ixé xa çaçáu xa ikó murakí; xa çó xa cicári tendáua catú xa munhã arãma çé róca. »
Oçó ãna paraná remejuá rupí, oçka mamé çuaçú parauáka, onhehê: — Iké tenhê xa munhã çé róca.

Amú ára upé çuaçú oiúñri, oçupíri, oiúpirú arãma; oçó ãna.

Amú ára opé iauáreté oiúñri, omahã ramé tenáua

oiúcupíri āna, onhehē: — Tupāna opurauké oikó ixé arāma.» Iatĩcá tiānha, oiúpirú úca (óca), ariré oçó āna.

Amú ára riré çuaçú oúri, onhehē: — Tupāna opurauké oikó ixé arāma.» Pupéca ōna óca, omunhā mukuŕ ocapí; iépé ixupé; amũ Tupāna çupé: oçó āna.

Amú ára opé, iauáraetê omahā ramé opáua āna óca, onhehē: — Tupāna çupé qué catú retê.» Opĩtá iépé oçapí upé, okéri úana (āna).

Amú ára upé çuaçú oúri, opĩtá amú ocapí upé; okéri uāna.

Amú ára opé aítá opáca: aítá oiumahā ramé, iauáraetê onhehē çuaçú çupé:

— Indé será repurauké nahá çé irúmo? » Çuaçú oçuxára: —Ixé ahé tenhē.» Iauáraetê onhehē: —Cu-hĩre iaçó iapĩtá iépé açú.» Çuaçú oçuxára: —Iaçó.

Amú ára upé iauáraetê onhehē: —Xa çó xa cahámunũ. Indé reiúçú quahá mĩrã rupitã itã; rerúri ĩ, iépéã, mahareçé, xa çĩca curí ramé, çé iúmacé curí xa ikó.

Oçó cahá munú arāma, oiucã iepé çuaçú, orúri óca kitĩ (ketê), onhehē i irumuára çupé: — Remungaturú ia u arāma.

Çuaçú omungaturuāna; çaciãra oikó; inti óú; pitúna oçĩka ramé, inti okéri, ocekĩé oikó iauáraetê reçé.

Amú ára upé, çuaçú oçó cahamunũ, oiúúanti amú iauáraetê irúmo; ariré oiúúanti tamanduã irúmo, onhehē tamanduã çupé: — Iauáraetê onhehē oikó puxĩ catú ne reçé.» Tamandua oúri, uacémo iauáraetê ocarãĩn carãĩn mĩrã, oçĩka i çupé rupí meú rupí, oiúmana ahé, omunẽu i póampé; iauaratê amanũāna.

Çuaçú oraçó-āna iauaratê çóka ketê, onhehē irúmo-ãra çupé: —Kuçukũ uāna; remungaturú iãũ arāma. Iauaratê omungaturú āna, inti óú: oçaciãra oikó.

Pitúna oçĩka ramé, aítá inti okéri quãu. Aítá oiúçĩkié oikó amú çuí; çuaçú omãĩāna iauaratê, iauaratê omãĩāna çuaçú.

Pĩçaié ramé aítá repocĩ ramé āna, çuaçú akãnga otucã iurã reçé. Iuaratê opúri, ũĩāna, omaitê çuaçú oiucã putãri ahé. Quahã teapú ramé, çuaçú opáca, iacanhĩmu, opúri, ũĩāna amú çuaxára ketê. A itã oiãũũ āna.

§ II

Çuaçú oçó opĩtã arāma iauãra róca upé.

Amú acaiú upé, iauáraté oçka iúri iauára róça úpe, opítá arāma ahé irúmo.

A itá oçó cahamunê. Iauraté opicçka putári iauára, oiucá arāma ahé. Iauára oiure ramé, caarúca ramé, orúri ximiára-mirí-itá: acutí, páca, tatú, inanbú. Aitá ou āna, ariré aitá oçó ouimuçarái. Iauraté oiimuçarái ramé, onhehê: — Intí xa picçka quáu mahā xa cahamunê xa ikó. — Iauára oiimuçarái ramé, onhehê: — Auá orekó cetimā iatúca intí cahamunê quáu. Aitá omuçarái ramé iaué, iauraté opúri iauára recé; iauára, çuaçú, oiáuau āna; iauraté opicçka ramé çuaçú, quahá oiéréo itá arāma. Iauára oiaçáu quá indá keté, onhehê iauraté çupé: — Reú putári ramé ixé, reiapi nhahā itá çé recé. Iauraté opicçka itá; oiapí iauára recé. Itá oári ramé amú çuaxára ápe, oçaçema: — Mé!... Oiéreo iure çuaçú arāma. A çui iauára opítá iauraté ruāāna arāma.

*Traducção da lenda antecedente :
Historia do veado e da onça que fo-
ram fazer casa.*

O veado disse : eu estou passando muito trabalho e por isso vou ver um lugar para fazer minha casa. Foi pela beira do rio, achou um lugar bom e disse : E' aqui mesmo.

A onça tambem disse : eu estou passando muito trabalho, e por isso vou procurar lugar para fazer minha casa. Sahu e, chegando ao mesmo lugar que o veado havia escolhido, disse : Que bom lugar ; aqui vou fazer minha casa.

No dia seguinte veio o veado, capinou e roçou o lugar.

No outro dia veio a onça e disse: Tupã me está ajudando. Afincou as forquilhas, arrou a casa.

No outro dia veio o veado e disse: Tupã me está ajudando. Cobriu a casa e fez dous commodos : um para si, outro para Tupã.

No outro dia a onça, achando a casa prompta, mudou-se para ahi, occupou um commodo, e poz-se a dormir.

No outro dia veio o veado, e occupou outro commodo.

No outro dia se acordaram, e quando se avistaram, a onça disse ao veado : — Era voce que estava me ajudando ? O veado respondeu : — Era eu mesmo. A onça disse: Pois bem, agora vamos morar juntos. O veado disse: Vamos.

No outro dia a onça disse : — Eu vou caçar. Voce limpe os tocos, veja agua, lenha, que eu hei de chegar com fome.

Foi caçar, matou um veado muito grande, trouxe para casa e disse ao seu companheiro : — Aprompta para nós jantarmos.

O veado apromptou, mas estava triste, não quiz

comer, e de noite não dormiu com medo de que a onça o pegasse.

No outro dia o veado foi caçar, encontrou-se com outra onça grande e depois com um tamanduá; disse ao tamanduá: Onça está ali fallando mal de você.

O tamanduá veio, achou a onça arranhando um páu, chegou por detraz de vagar, deu-lhe um abraço, meteu-lhe a unha, a onça morreu.

O veado a levou para casa, e disse a sua companheira: — Aqui está; aprompta para nós jantarmos.

A onça apromptou, mas não jantou e estava triste.

Quando chegou a noite os dous não dormiam, a onça espiando o veado, o veado espiando a onça.

A meia noite elles estavam commuito somno; a cabeça do veado esbarrrou no girão, fez: tá! A onça, pensando que era o veado que já a ia matar, deu um pulo.

O veado assustou-se tambem e ambos fugiram, um correndo para um lado, outro correndo para o outro.

II

O veado foi morar em companhia do cachorro.

Passado muito tempo, a onça tambem foi morar lá, porque o veado já se tinha esquecido d'ella.

No outro dia foram caçar. A onça queria pegar o cachorro. O cachorro de tarde, quando voltou, trouxe caça pequena, cutia, paca, tatú e inambu. Jantaram e depois de jantar foram jogar. A onça jogava e dizia: — O que eu cacei não pude pegar. O cachorro

jogava e dizia: — Quem tem perna curta não deve caçar. Assim jogaram até que a onça saltou no cachorro. O cachorro e o veado fugiram, a onça seguiu atraz e, quando pegou o veado, este virou pedra.

O cachorro atravessou um rio, e disse para onça: — Agora se me queres pegar, só se me jogares uma pedra. A onça agarrou na pedra e jogou. Quando a pedra cahiu na outra banda gritou: mé! e virou outra vez em veado. Foi d'ahi que gerou-se a raiva do cachorro contra a onça.

CUNHĀ MUCU OÇO UAHĀ OCICĀRI MENA
A moça vai que procurar marido

O pensamento moral contido nesta lenda é o seguinte: — Para a mulher que procura um marido, não bastam as riquezas; é necessário que o physico do varão não seja repulsivo. Para desenvolver esta verdade, o bardo primitivo suppõe que, estando uma moça padecendo de fome em casa de sua mãe, e indo procurar marido, deparou-lhe a sorte primeiramente com a raposa, que, apesar de poder ter a casa em fartura com a muita caça que agenciava, a moça vio-se forçada a repellir o casamento pelo máo cheiro que as raposas exhalam. O mesmo aconteceu-lhe com o urubú, que, apesar de rico de caça, era comtudo repulsivo. Ella casou-se com o anajé (formosa especie de gavião do Brazil), que era formoso, caçador e valente. Para os selvagens, que não tinham outras riquezas além das que directamente entendiam com a sua alimentação, dizer que um individuo possui abundancia de comida equivale a dizer que elle é rico. Pelo contexto da lenda vê-se que, entre os selvagens, como entre nós, o ideal de marido é o homem formoso, rico e valente.

CUNHĀ-MUCU MÏCURA
A moça e o gambá

Oiepé cunhā mucú onhehē i cĭ cupé: — Xa
Uma moça disse sua mãe á: — Eu

çó xa cicári ce mēna, xa purarári
vou procurar um marido, ou estou padecendo

reté iúmacĭ.
muito de fome.»

Ahé oçó āna, ocĭka uāna mamé oikó moçap/ra
Ella foi-se, chegou aonde haviam tres

pé. opuranú:
caminhos, perguntou:

— Māhāta inaié pé?»

— Qal será do inajé o caminho?»

Oiepé pé upé, ahé omahā inambú ráua;
Um caminho em, ella vio de inambús penas;

aramé ahé omaité uāna: — Quahā inaié pé.
então ella pensou: — Este é do inajé o caminho.

Oçó uāna ahé rupí.
Foi-se elle sobre.

Opauçape oiúúanti óca mamé oikó oiepé uáim
No fim encontrou casa onde estava uma velha

uapíca oikó uahá tatá remehípe, onhehê:
sentada, estava que do fogo na beira, disse:

— Iné será inaié cî?
— Você é do inajé mǎi?

Uáimî oçuaxára: — Ixé ahé tenhê.
A velha respondeu: — Eu sou ella mesma.

Cunhã mucú onhehê: — Xa iúre ahé pîre xa
A moça disse: — Eu venho elle á eu

mendári arāma ahé irúmo.
casar para elle com.

Uáimî onhehê: — Cê mbîra mira puxí retê
A velha disse: — Meu filho é gente brava muito

ahé; aarécê xa çó xa iumími iné. » Quahá uáimî
elle; por isso eu vou esconder você. » Esta velha

intí inaié cî; mîcúra cî, ahé.
não era do inajé mǎi; do gambá era mǎi ella.

Caarúka ramé i embîra ocîka uāna, orûri uāna
Tarde á seu filho chegou, trouxe

ximiára, uirá itá.
sua caça, passaros.

I cî omungaturú aitá óú arāma. Aitá
Sua mǎi apromptou elles comerem para. Elles

óú oikó ramé i cî opuranú ixuí:
comendo estavam quando sua mǎi perguntou a elle:

— Ocîka ramé oiepé amú tetāma uāra,
— Chegasse se um de outra pátria habitante,

mǎi tahá rerekó ahé?
como é que tu terias (tratarias) elle?

Mîcúra oçuaxára: — Xa cenôî ahé óú
O gambá respondeu: — Eu cnamava elle comer

arāma ianê irúmo.
para nós com.

Aramé uáimî ocenôî cunhã mucú oiumími
Então a velha chamou a moça escondida

oikó uahá. Cunhã mucú óú āna aitá irúmo;
estava que. A moça comeu elles com,

mîcúra çôri oikó mahareçê cunhã mucú purānga
O gambá alegre estava porque a moça formosa

retê.
era muito.

Pitúna opé, mîcúra oçó ramé okêri arāma
Noite em, o gambá foi quando dormir para

cunhã mucú irúmo, ahé ompúāna ahé, onhehê: —
moça com, ella enxotou a elle, disse: —

Intí xa ienô putári nê irúmo, mahareçê inêma
Não eu deitar quero tu com, porque catinguento

retê-ine!
muito é você!

Coëma ramé, uáimĩ omundú ramé cunhã mucú
Manhã em, a velha mandou quando a moça

oiuúca jepeá, cunhã mucú oiauáũ ana.
tirar lenha, a moça fugio.

§ II

CUNHÃ MUCU URUBU
A moça e o corvo

Ocika muçapira pé upé, oçó amú rupi,
Chegou tres caminhos em, e seguio outro por,

ocika óca upé, oiiúanti amú uáimĩ irúmo,
chegou casa em, encontrou outra velha com,

opuranú ixui: —Indé será inaié c? Uáimĩ
perguntou a ella:—Tu és do inajé mãi? A velha

oçuxára: —Ixé ahé tenhẽ. * Cunhã mucú onhehẽ:
respondeu.—Eu sou ella mesmo.» A moça disse:

—Xa iúre ahé pĩre, xa mendári arãma ahé irúmo.
—Eu venho elle á, eu casar para elle com.

Uáimĩ onhehẽ: —Xa çó xa iúmimi indé, cẽ
A velha disse: —Eu vou esconder você, meu

embjra mira puxi reté recẽ.
filho gente brava é muito por que:

Quahã uáimĩ urubú c. Caarúka ramé
Esta velha era do corvo a mãi. Tarde em

i embjra ocjka, orúri ximiára: itápurú miritá;
seu filho chegou, trouxe sua caça: vermes pequenos;

onhehẽ i c. çupé: —Kuçukú pirá miritá,
disse sua mãi á: —Eis aqui peixes pequenos,

c. c.
minha mãi.

I c. omungaturú ximiára; aitá óu
Sua mãi apromptou a caça: elles comendo

oikó ramé, ahé opuranú: —Anã çupé ocjka
estavam quando, ella perguntou: —A quem chegar

uahá amú tetãma çuí, mãhãta remunhã ixupé?
que de outra patria, o que tu farás elle á?

Urubú oçuxára: —Xa cenõ, ahé óu arãma
O corvo respondeu:—Eu chamava elle comer para

iané irúmo. Aramé i c. ocenõ, cunhã mucú:
nós com. Então sua mãi chamou a moça;

urubú çóri reté ana, cunhã mucú purãnga
o corvo estava alegre muito, a moça formosa

reté recẽ. Pitúna upé, ahé oçó ramé
era muito por que. Noite em, elle foi quando

oienõ ahé irúmo, cunhã mucú ompú ana,
deitar-se ella com, a moça o enxoto,

inẽma recẽ ahé. Amú coëma upé,
catinguento porque era elle. Outra manhã em,

uáimĩ omundú ramé cunhã mucú oiúuca arãma
a velha mandou quando a moça tirar para

iapé, cunhã mucú oiuaúu uãna.
lenha, a moça fugio.

§ III

CUNNÃ-MUCU INAIE
A moça e o gavião

Ahé ocika ramé muçapire pé upé,
Ella chegou quando tres caminhos em,

oçó amú rupi. Ocika ôca upé, omahã iepé uáimĩ
foi outro por. Chegou casa em, vio uma velha

purãnga reté, opuranú ixuí: — Iné inaié
formosa muito, perguntou a ella: — Você é do inajé

cĩ será?
a mãi?

Uáimĩ oçuxára: — Ixé ahé tenhẽ.
A velha respondeu: — Eu sou ella mesma.

Cunhã mucú onhehẽ: — Xa iúre ahé pĩre, xa
A moça disse: — Eu venho elle a, eu

mendári arãma ahé irúmo.
casar para elle com.

Uáimĩ onhehẽ: — Xa çó xa uímimi indé; çé
A velha disse: — Eu vou esconder você; men

embãra mira puxi reté.
filho gente é brava muito.

Caárúka ramé, embãra ocika, orúri ximiára
Tarde em, seu filho chegou, trouxe caça

cětá: uirá mirítá, I cĩ omungaturú
muita: passaros pequenos, Sua mãi apromptou

uirá mirítá aítá óú arãma. Aítá
passaros pequenos, elles comerem para. Elles

óú oikó ramé i cĩ opuranú ixuí:
comendo estavam quando sua mãi perguntou a elle:

— Auá çupé ocika uahé ramé, amú tetãma çuí,
— A quem chegar que quando, outra patria de,

mãháta remunhã ixupé?
o que farás a elle?

Inaié oçuxára: — Xa cenõĩ ahé óú arãma
O inajé respondeu: — Eu chamo elle comer para

iané irúmo.
nós com.

Aramé uáimĩ ocenõĩ cunhã mucú. Inaié çóri
Então a velha chamou a moça. O inajé alegre

reté, cunhã mucú purãnga reté recé.
ficou muito, a moça era bonita muito porque.

Aítá okéri uãna iépeuaçú. Amú ára upé urubú
Elles dormiram juntos. Outro dia em o corvo o

oetka inaié óca upé, ocicári arâna cunhã mucú,
chegou do inajé casa em, procurar para a moça.

Aitã omuramunhã nãna reté cunhã mucú recé.
Elles brigaram muito da moça por causa.

Inaié ompúca ãna urubú akãnga. I cî
O inajé quebrou do urubú a cabeça. Sua mãi

omuaçú uãna i, muiáçúca i akãnga;
(do urubú) aqueitou agua, lavou sua cabeça;

i çacú reté nãna: aárçé i akãnga
agua quente estava muitissimo: por isso sua cabeça

çauaîma opitã opa: ára upé.
depennada ficou todo tempo em (para sempre).

XIV

MOMEUCAUA
Lendas

MICURA
da raposa

RECEUARA
acerca

Esta collecção das lendas da raposa parece completa; e, como methodo didactico, forma o que de melhor encontrei na tradiçáo dos seteagens. São nove episodios que formão, a meu ver, um verdadeiro colar de pedras finas, tanto pelo espirito e animação do enredo, como pelo laconismo, sobriedade das scenas, e clareza, com que o pensamento pratico, que nelles é ensinado, se destaca da acção com que foi necessario envolvel-o para fixal-o na memoria de povos ainda incultos. Estas lendas soffreriam, sem desmerecer, a confrontação com as fabulas de Esopo, Phedro ou Lafontaine.

O pensamento do primeiro episodio é o mesmo que Phedro personificou na fabula da cegonha que tirou o osso entalado da guela do lobo. O primitivo bardo indigena prega a mesma doutrina, que não se deve fazer bem senão a quem merecer, na parabola que resumiremos assim: — Tendo a onça sido gerada em uma coxa de porta estreita, cresceu tanto que não poude sahir, e allí gemia quando, passando a raposa, auxiliou a remover a pedra. Tão depressa a onça se viu livre quanto, pedindo-lhe a raposa a paga, ella pretendeu comel-a. (Até aqui a fabula é como a grega.) A raposa apella para o arbitramento do homem; este vai ao lugar, pede a onça que se meta

de novo na cova para elle poder melhor julgar, e, desde que a onça o faz, elle rola a pedra, e ella lá fica presa como estava d'antes. (A 2ª parte distancia a fabula indigena da fabula grega, e n'esta differença o ensino moral ganhou, por quanto: é certo que cedo ou tarde os mãos são punidos pelos ruins actos que praticão.)

Intí remunhã catú auá çupé intí requau.
Não façás bem quem á não conheces. (*)

Oiepé ára opé micúra, uatá ramé
Um dia em a raposa, andando quando

oikó, oconô cururúca iaué : um... um... um...
estáva, ouvio um ronco assim : um... um... um...

— Mäháta nhahã será ? xa çó mahã.
— O que aquillo é ? eu vou ver.

Iauarate omahã ramé ahé, onhehê : — Xa
A onça vio quando ella, disse : — Eu

iumunhã quahá itá quára opé ; xa
fui feita n'este de pedra buraco em ; eu

(*) Creio que o anexim portuguez que corresponde a esse, é o seguinte :

Não façás bem sem saber a quem.

iumuturuçú ãna, intí xa çéma quãu. Repitímẽ será
cresci, e não sahir posso. Tu me ajudas

xa iuica qualhá itá?
a tirar esta pedra?

Micúra opitímẽ ahé ; iauarate océma;
A raposa ajudou-a ; a onça sahió;

micúra opuranũ i'xui : — Mäháta remehẽ
a raposa perguntou a ella : — O que tu dás

ixé arãma ççuiára ?
eu á em paga ?

Iauarate, oiumaçẽ oikó uahá, oçuxára : —
A onça, faminta estava que, respondeu : —

Xa ço xa u indẽ. » Opicẽca ãna micúra,
Eu vou comer você. » Agarrou a raposa.

opuranũ : — Mäháta míra omehẽ auá çupé
e perguntou : — O que se dá quem á

omunhã catú, recuiára ? » Micúra oçuxára :
faz bem, em paga ? » A raposa respondeu :

Auá çupé omunhã catú, recuiára, míra omehẽ
A quem faz bem, em paga, se dá

omunhã catú. Iké nhóte (junto) oikó oiepé
o fazer bem. Aqui perto mora um

apgåua, oquáu uahá opa mahã ; iaçó
homem, sabe que todas as casas ; vamos

Luiz R.

iapuranũ ixui.
perguntou a elle.

Aitã oiããu oiepẽ cãpuã-mirã ketẽ.
Elas atravessarão umã ilha pequena para,

micũra ombẽu apgãua çupẽ ahẽ oiũuca
a raposa narrou homem ao, ella tirara

uahã iauaratẽ itã quãra cui, iauaratẽ õu
que a onça de pedra buraco do, a onça comer

putãri ahẽ. Iauaratẽ onhehẽ :—Xã u putãri
queria ella. A onça disse : —Eu comer quero

ahẽ, maharecẽ mira omehẽ omunhã puxi
ella, porque a gente dã o mal

reçuiãra omunhã catũ.
em troco do bem.

Apgauã onhehẽ : — Inti çupĩ. Iaçõ
O homem disse : — Não é certo. Vamos

iamahã arãma nẽ rõca.
ver para tua cova.

Aitã muçapĩre oçõãna omahã arãma. Aitã
Elles tres forão ver para. Elles

ocĩka ramẽ, apgãua onhehẽ iauaratẽ
chegarão quando, o homem disse onça

çupẽ : — Reiumundẽo iũĩre xa mahã arãma
ã : — Encova-te de novo eu ver para

mai reikõãna. Iauaratẽ oiumunẽo : opgãua
como tu estavas. A onça encovou-se ; o homem

omuiereõ itã ãrupĩ : iauaratẽ intĩ
rolou a pedra ella sobre ; a onça não

oçẽma quãu. Aramẽãna apgãua onhehẽ :
sahir poude. Então o homem disse :

— Cuhĩre requãu rameãma : mira omehẽ
— Agora tu sabendo ficaste : a gente dã

munhã catũ reõiãra munhã catũ.
o bem em troco do bem.»

Iauaratẽ opĩtã ápe; amũ itã oçõãna.
A onça ficou lã; os outros forão-se.

*Traducção portugueza da lenda
antecedente: A raposa e a onça.*

Não faças bem sem saber a quem.

Um dia a raposa, estando passeando, ouviu um
ronco: — ã... ã... ã...

— O que será aquillo? Eu vou ver.

A onça enxergou-a e lhe disse:

— Eu fui gerada dentro deste buraco, cresci, e
agora não posso sahir. Tu me ajudas a tirar a pedra?

A raposa ajudou, a onça sahio, a raposa pergun-
tou-lhe: — O que me pagas?

A onça, que estava com fome, respondeu:

— Agora eu vou te comer.

E agarrou a raposa, e perguntou:

— Com o que é que se paga um bem?

A raposa respondeu:

— O bem paga-se com o bem. Alli perto ha um homem que sabe todas as cousas; vamos lá perguntar a elle.

Atravessaram para uma ilha; a raposa contou ao homem que tinha tirado a onça do buraco e que ella, em paga disso, a quiz comer.

A onça disse:

— Eu a quero comer, porque o bem se paga com o mal.

O homem disse:

— Está bom; vamos vêr a tua cova.

Elles tres foram, e o homem disse á onça:

— Entra, que eu quero vêr como você estava.

A onça entrou; o homem e a raposa rolaram a pedra, e a onça não pôde mais sahir. O homem disse:

— Agora tu ficas sabendo que o bêm se paga com o bem.

A onça ahi ficou; os outros foram-se.

MICURA APGAUA

A raposa e o homem

Todos aquelles que tem alguma experiencia do mundo sabem que ha muita gente de pouco senso, que se julga com tanto mais direito a favores de outrem quanto maior numero de beneficios tem recebido. O fazer bem tambem canca; é isto o que o indigena ensina na fabula seguinte, que se resume nesta maxima: não é bom fatigar a quem nos faz bem.

Micúra oçó oienō maárupi apgáua oçacáu
A raposa foi deitar-se onde por o homem de passar

arãma uahá; oiúmanū (*).
tinha que; fingio-se de morta.

Apgáua oúri, onhehē: —Micúra, taité! (teté).
O homem veio, e disse: —Raposa, coitada!»

Omunnã quára, oiútíma ahé, oçó ãna.
Fez cova, enterrou a, e foi-se.

(*) *Por onde que o homem tinha de passar; — este — que — o nosso povo o tomou desta fórma tupí, e assim passou para o dialecto popular do Brazil. Oiúmanū é a fórma reciproca e passiva — e portanto a traducção litteral é: morreu-se; fórma que o portuguez não tem.*

Miçúra *wiāna* cahá rupi, oçó oienē tenoné
A raposa correu mato pelo, foi deitar-se adiante

pépe, oiumanō āna.
no caminho, e fingio-se de morta.

Apgáua oçika ramé, onhehe: — Miçúra ambira
O homem veio quando, disse: — Raposa morta

(amira) iūre! • Omutrica ahé pé çui.
outra vez! • Retirou a caminho do,

opupéca cahá irúmo, oçó āna.
côbrio folhas com, e seguiu.

Miçúra *wiāna* (unhana) iūre iaĩt̃ua rupi,
A raposa correu outra vez cerrado pelo,

oçó oienō tenoné pépe.
foi deitar-se adiante no caminho.

Apgáua oçika onhehe: — Auáta oiucá-iucá (*)
O homem chegou e disse: — Quem andou mata ma-

quahá miçúra itá? • Omutrica ahé pé
tando estas raposas? • Arredou a caminho

çui, oçó āna.
do, e foi-se.

(*) *Oiucá iucá*: o nosso povo usa desta expressão: *mata matando, falla fallando*, etc., expressão que se prende a essa forma tupi, como observámos atrás.

Miçúra *wiāna* iūre iaĩt̃ua rupi, oçó
A raposa correu de novo cerrado pelo, foi

oienō tenoné pépe, oiumanō āna.
deitar-se adiante no caminho, fingio-se de morta.

Apgáua oçika ramé, onhehe: — Tatá oçapi
O homem chegou quando, disse: — Fogo queima

opai rupi! • Opic̃ka çuaia racapira rupi, oiapiāna
tudo sobre! • Pegou da cauda ponta pela, jogou

miçúra iaĩt̃ua *recé*.
a raposa cerrado sobre.

Aramé miçúra onhehe: — Intí catú iatoumaraári
Então a raposa disse: — Não é bom cançarmos

auá çupé omunhã catú uahá iané arāma. Oçó
quem á faz bem que nós á. Foi-se

āna.
embora.

*Tradução portugueza da lenda
anterior: a raposa e o homem.*

A raposa foi deitar-se no caminho por onde o ho-
mem tinha de passar, e fingiu-se de morta.

Veio o homem e disse: — Coitada da raposa!

Fez um buraco, enterrou-a, e foi-se embora.

A raposa correu pelo mato, passou adiante do homem, deitou-se no caminho, e fingiu-se de morta.

Quando o homem chegou, disse: — Outra raposa morta! Coitada.

Arredou-a do caminho, cobriu-a com folhas, e seguiu adiante.

A raposa correu outra vez pelo cerrado, deitou-se adiante no caminho, e fingiu-se de morta.

O homem chegou e disse: — Quem terá morto tanta raposa? Arredou-a para fóra do caminho, e foi-se.

A raposa correu, e foi fingir-se outra vez de morta no caminho.

O homem chegou e disse: — Que leve o diabo tanta raposa morta! Agarrou-a pela ponta da cauda e sacudiu-a no meio do cerrado.

A raposa então disse: — Não se deve cansar a quem nos faz bem.

XVI

MICURA IAUARATE
A raposa e onça

O pensamento desta lenda é o seguinte: Quem é precavido não cabe em poder do seu inimigo.

Iauaraté	océma	ramé	quára	gui,	onhehé:
A onça	sahio	quando	cova	da,	disse:
— Cuhjre	xa	çó	xa	u	micura.
— Agora	eu	vou	eu	comer	a raposa.
					Ogó
					Foi
ocicári	ahé.	Quatá	oikó	cahá	rupi.
procurar	ella,	Andando	estava	mato	pelo,
ocenô	teapú	quajé:	Txáu!	txáu!	txáu!—
ouvio	barulho	assim:	Txau!	txau!	txau!—
Mäháta	ahé? *	Omähã,	oxipiã	micúra,	
O que	será? *	Olhou e	vio	a raposa,	
oiuúca	oikó	xipó	uahã.	Micúra	oxipiã
tirando	estava	sipo	que.	A raposa	vio
ramé	ahé,	onhehé:	— Cuhjre	puxiãna	xa
quando	ella,	disse:	— Agora	mal	eu
ikó:	iauaraté,	ipó,	óu	curi	ixó! *
estou:	a onça,	pode ser,	comer-me-ha!	Disse	
iauaraté	çupé:	— Iuitú-ama	ouíri	oikó:	indé
onça	ã:	— Furacão	vindo	está:	tu

repitimé ixé será oiúuca arāma quahá
ajudas a mim tirar a este

xipó, opuquári arāma ixé mĩrá rēcē?
sipó, amarrar para eu arvore sobre?

Iauaraté oekjĩc āna, onhehē mĩcúra
A onça medrosa já, disse raposa

cupé:— Aramé rapucuari ixé tenoné; maharecē
á: — Então amarra me primeiro; por que

ixé turuçá pite ne cui, jujúua oraçō
eu grande mais voce do que, o furacão levar

quau ixé tenoné. Mĩcúra omunú iauaraté
podo ou adiante. A raposa mandou a onça

oiumāna mĩrá rēcē, oiupucuari ahé, onhehē;
abraçar arvore com, amarrou ella, disse:

—Repstá ápe, iurupári, xa çó āna.

—Fica-te ahi, diabo, que eu cá me vou.

*Traducção portuguesa da lenda
antecedente: a raposa e a onça.*

A onça sahio do buraco e disse: — Agora eu vou
agarrar a raposa. Andou, e passando pelo matto ou-
viu um barulho — xáu, xáu, xáu! Olhou: era a raposa
que estava tirando sipó.

A raposa quando viu-a, disse: — Estou perdida;
a onça agora, quem sabe, me vae comer!

A raposa disse á onça: — Ahi vem um vento muito
forte; me ajude a tirar sipó para me amarrar n'uma
arvore, si não o vento me carrega.

A onça ajudou a tirar sipó, e disse á raposa: — Me
amarra primeiro; eu sou maior, o vento póde me
levar antes.

A raposa disse á onça que se abraçasse com um páu
grosso; amarrou os pés e as mãos, e disse: — Agora
fica ahi, diabo; que eu cá me vou!

JAUARATE' CUPII'
A onça e os Cupins

*Aquele que é mau por natureza
não se corrige com a primeira punição.
Se o pensamento não é christão,
ninguém negará que as mais das
vezes elle é verdadeiro na pratica.*

A'ra pucú ritê, cupii itá ouri âna mamé
Tempo longo depois, os cupins vieram onde

iauaraté oiupucuári uahá oikó, oiupirú âna omunhã
a onça amarrada que estava, principiarm a fazer

çoca xipó recê. Iauaraté onhehê : — Ah!
sua casa sipó sobre. A onça disse : — Ah!

cupii, penhê pe apgáua ramé curí, peuãna curutên
cupins, voces machos se fossem, comiam depressa

quahá xipó, oiumupucuári ixê arãma. A'ra pitúna
este sipó, desamarrar eu para. Do dia e da noite

pucuçáua cupii-itá oçuú çuú xipó. Iauaraté
o espaço os cupins roendo estavam o sipó. A onça

ocêma ramé, ouãna opaí aítá.
sahio quando, comeu todos elles.

*Traducção portugueza da lenda
anterior : a onça e os cupins.*

Passado tempo, vierão os cupins e começarão a fazer
casá no páo em que a onça estava. A onça disse : —
Ah cupins! se voces fossem gente roião logo este sipó
e me soltavão.

Os cupins disserão: — Nós soltamos você, e você
depois nos mata.

A onça disse : — Não mato.

Os cupins trabalharão toda noitê e na outra manhã
a onça estava solta. Estava com fome, comeu os
cupins, e foi no encalço da raposa.

IAUARAETÉ OPIRI MICURA RAPE
A onça varre da raposa o caminho

O pensamento deste episodio é o seguinte: Quando teu inimigo fizer alguma cousa, e disser que a fez em teu beneficio, não acredita, sem primeiro examinar.

Ne rãããna omunhã ramé iepé mahã, onhehê ne
Teu inimigo fizer se uma cousa, e disser teu

catuçãua arãma uahã, indê ne reiacú.
beneficio para que foi, tu te arisques.

Micúra, ocekíié, ouatã pitúna ramé anhã.
A raposa, de medo, andava noite durante somente.

Iauaraté opiiri micúra rapé, omunhã
A onça varreu da raposa o caminho, fez

iepé iuçãna, oiúmimi. Micúra ocika ramé,
um-laço, e escondeu-se. A raposa chegou quando,

iauaraté onhehê ixupé: —Xa piiri ãna ianê rapé
a onça disse lhe: —Eu varri nosso caminho

iú recê. Micúra iacú, onhehê: —
espinhos por causa. A raposa arisca, disse: —

Aramé reço tenonê.
Então vá adiante.»

Iauaraté oçaçãu ramé, iuçãna opetêca. Micúra
A onça passou quando, o laço bateu. A raposa

opúri ãna cacaquêra ketê, oiãuãu.
pulou atraz para, e fugio.

*Tradução portugueza da lenda
anterior.*

Se o teu inimigo fizer alguma cousa e disser que foi
para teu beneficio, tu te arisques.

A raposa, com medo, só andava de noite. A onça
armou um laço, limpou o caminho, e, quando a raposa
chegou, ella disse: — Eu limpei nosso caminho por
causa dos espinhos.

A raposa desconfiou e disse: — Passa adiante.

Quando a onça passou, desarmou-se o laço.

A raposa pulou para traz e fugio.

MICURA IAUARATE
A raposa e a onça

O pensamento desta lenda parece ser este: quem mal se disfarça muito se manifesta, por que o máo disfarce, não tendo a vantagem de occultar a pessoa, que o toma, tem o grave inconveniente de attrahir attenção sobre ella.

Uaraci omuticanga páua paraná itá; opitá
O sol seccou todos os rios; ficou

iũnto oiepé i quára. Aramé iauaraté
apenas um de água poço. Então a onça

onhehê: — Cuhire cupi xa picika ahé,
disse: — Agora na verdade eu agarro a,

xa mutucáia (*) i quára opé. Micúra,
eu vou tocaia-la de água poço em. A raposa

iacú, ocika ramé, omahã tenoné opaí
arisca, chegou quando, olhou adiante tudo

rupi, oxipiã iauaraté. Inti óu quáu i;
sobre, enxergou a onça. Não beber pôde água;

(*) Tocaiar passou para o portuguez —significa: esperar espreitando alguém para attacal-o quando passe pelo lugar.

oçô ana, omaité oikó mai óu curi i. Amú
foi-se, pensando estava como beberia água. Outro

ára upé oxipiã opecatú cui iepé cunhã orúri
dia em viu de longe uma mulher trasia

uahá ira camuti. Micura ãnhana, tenoné,
que de mel um poté. A raposa correu, adiante,

oienô pépe. Cunhã ocika ramé,
se deitou no caminho. A mulher chegou quando,

oçaçau amú cuaxára rupi, onhehê: — Taité!
passou outro lado pelo, e disse: — Coitada!

omanô ãna.
morreu já.

Micura iãina iaítina rupi, oçô oienô tononé
A raposa correu cerrado pelo foi teitar-se adiante

oiimanô ãna. Cunhã ocika ramé, onhehê:
fingiu-se de morta. A mulher chegou quando, disse:

— Amú micúra omanô ãna! — o çaçau. Micúra
— Outra raposa morreu já! — e passou. A raposa

iãana iũri, oienô tenoné, oiimanô
correu novamente, deitou-se adiante, e fingiu-se

ãna. Cunhã ocika ramé, onhehê: — Xa
de morta. A mulher chegou quando, disse: — Eu

picika ramé nhahã amuitá, xa rekô ãna curi
agarrasse se aquellas outras, eu teria já

muçapira. Omuii iuⁱ pe ira camuti, oiuri oruri
tres. Arreou chão no de mel o pote, voliou trazer

arāma amú itá, (raposa) oçó āna.
para as outras, e foi-se.

Micúra oiutuúma ira recé; ariré oiumuiêrô
A raposa lambusou-se mel no; depois andou-se

iêrô cahá iakira uahá recé. Iaué uāna
revirando folhas verdes que sobre. D'essa forma

oçó óu i. Oūāna, oikiāna i pupé,
foi beber agua. Bebeu, entrou da agua dentro

irá oiútiçú āna, cahá itá uⁱuⁱ; aramé
o mel derreteu-se, as folhas boiarão; então

iunto iauaraetê oquáu alié opúri putari
sómente a onça conheceu a. pular queria

ramé, micúra oiáuāu āna,
quando, a raposa fugio já.

Tradução portugueza,

O sol seccou todos os rios, e ficou só um poço com
agua.

A onça disse: — Agora eu peço a raposa, porque
vou tocaial-a no poço d'agua. A raposa, quando veio,

olhou adiante, e enchergou a onça; não pode beber
agua, e foi-se, pensando como beberia.

Vinha uma mulher pelo caminho, com um pote de
mel na cabeça. A raposa deitou-se no caminho,
fingio-se de morta; a mulher arredou e passou. A ra-
posa correu pelo serrado, sahio adiante no caminho, e
fingio-se de morta. A mulher arredou-a, e passou
adiante. A raposa correu pelo serrado, e, mais adiante,
fingio-se de morta. A mulher chegou e disse: — Se eu
tivesse apanhado as outras já tinha tres.

Arreou o pote de mel no chão, pôz a raposa
dentro do paneiro, deixou-o ali, e voltou para trazer
as outras raposas. Então a raposa lambusou-se no
mel, deitou-se por cima das folhas verdes, chegou
no poço, e assim bebeo agua.

Quando a raposa entrou n'agua e bebeu, as folhas
se soltaram; a onça conheceu-a, mas quando quiz
pular sobre ella, a raposa fugio.

MICURA IAUARETÊ
A raposa e a onça

O pensamento desta lenda é o seguinte: não ha situação tão desesperada de que o homem se não possa tirar com energia e intelligencia.

Micúra iuri i cei âna oikô. Opetêca
A raposa de novo com sede já estava. Bateu

iepê cumã iua, oimutuúma retê cicaãtã
uma de sorva arvore, besontou-se bem resina de

cumã iua recê, oierê ierêo cahá xirica recê, oçô
sorveira com, e espojou-se folhas seccas em, e foi

i quãra ketê. Iauaratê oxipia ramé nhahã
da agua poço a. A onça vio quando aquelle

çôô, onhehê:
animal, disse:

— Auãta indê?
— Quem é você?

— Ixê çôô cahá xirica.
— Eu sou o bicho folha secca.

Iauaratê onhehê:— Re ú tenoné, repuri i
A onça disse: — De beber antes, tu pules d'agua

pupé, xa mahã arãma inti uiri ramé ne pirera.
dentro, eu vêr para não boia se teu couro.

Ahé opuri âna; i pirera inti uiri âna, cecê cicaãtã
Ella pulou; seu couro não boiou, porque resina

inti oiuticú pupé. Iaué tenhe mjeúra
não se derreteu d'agua dentro. Dessa forma a raposa

óu quãu i, amãna ára ocika catú
beber pôde agua, da chuva o tempo chegou até
ramé.
quando.

Tradução portugueza

A raposa estava outra vez com muita sede, bateu um pé de sorveira, lambusou-se bem na sua resina, espojou-se sobre folhas seccas, e foi para o poço. A onça perguntou:

— Quem és?

— Sou o bicho Folha Secca.

A onça disse: — Entra n'agua, sahe, e depois bebe.

A raposa entrou, seu disfarce não boiou, porque a resina não se derreteu dentro d'agua; sahio, e depois bebeu, e assim fez sempre até chegar o tempo da chuva.

MICURA IAUARATÉ
A raposa e a onça

Desconfia de teu inimigo, ainda mesmo depois de morto. Este pensamento, que é o da lenda abaixo, não é certamente christão. Tão pouco não é christão o seguinte anexim vernaculo: Quem a seu inimigo poupa nas mãos lhe morre.

Iauaraté onhehê: — Na çó xa iumanô;
A onça disse: — Eu vou fazer me de morta;

opã çó itá oúri, curi omahã arãma çupí
todos os animaes virão, vêr para verdade

ramé. Mícúra oúri curi tenhê: aramé xa
se é. A raposa ha de vir tambem; então eu

picçka curi ahé. Çó itá oquáu ramé
apanhal-a-hei. Os animaes souberam quando

iauaraté omanô ãna, oçó ãna, oiké ãna i
que a onça morreu, foram, entraram de sua

quára pupé: aítá oçuri páua oçapucái: —
cova dentro; elles alegres todos gritavam: —

Iauaraté omanô ãna; quecatú reté Tupãna:
A onça morreu já; graças sejam dadas a Tupã;

çupé; ia quáu iauatá!
já podemos passear!

Mícúra oúri tenhê; inti oiké quára pupé.
A raposa veio tambem; não entrou cova na,

opuranú okára çui: — Opinô ãna serã ahé?
e perguntou de fóra: — Arrotou já ella? (*)

Çó itá oçuaxára: — Inti raí.
Os animaes responderam: — Ainda não.

Mícúra onhehê: — Ce ramúia amíra, omanô ãna
A raposa disse: — Meu avô amíra, omanô ãna
finado, morreu

ramé, opinô muçapirai.
quando, arrotou tres vezes.

Iauaraté ocenô ramé mahã mícúra onhehê,
A onça ouviu quando o que a raposa disse,

opinô muçapiri i. Mícúra ocenô, opucá,
arrotou tres vezes. A raposa ouviu, deu uma

onhehê: — Penhê pecenô ãna serã, auã
gargalhada, e disse: — Vocês ouviram já, — quem

omanô ãna uahã, opinô?
morreo, arrotar?

Catú oii iauaraté inti opiçka quáu mícúra.
Até hoje a onça não apanhar pôde a raposa,

(*) Vera significatio hujus verbi — pinô — est —
flatus ventris.

iacu *reté* *recé* *ahé.*
 muito ladina por ser ella.

Traduccão portugueza

A onça disse: — Eu vou me fingir de morta, os bichos vem ver se é certo; a raposa tambem vem e então eu a pego.

Os bichos todos souberam que a onça morreu, foram e entraram na cova della, e diziam: — A onça já morreu, graças sejam dadas a Tupã! já podemos passear.

A raposa chegou, não entrou, e perguntou de fóra: — Ella já arrotou?

Elles responderam: — Não.

A raposa disse: — O defunto meu avô quando morreu arrotou tres vezes.

A onça ouviu e arrotou tres vezes.

A raposa ouviu, rio-se e disse: — Quem é que já viu alguem arrotar depois de morto?

Fugio, e até hoje a onça não a pôde agarrar, por ser a raposa muito ladina.

AMU' MOMeUÇAU MÍCURA ReCeUôRA
 Outras lendas da raposa acerca

Como o leitor vio, o pensamento geral das antecedentes lendas da raposa é este: a intelligencia e o sangue frio assoberbam os maiores perigos. Nesta collecção o pensamento geral é justamente o complemento desse, isto é: a toleima e a fatuidade criam perigos e convertem as boas situações em más.

Nos quatro episodios, dos quaes só publico aqui o primeiro, os philosophos indigenas ensinam:

Que aquelle que pretende fazer uma cousa só porque outrem a pôde fazer, sem dispôr das mesmas qualidades e meios de que aquelle dispóz, além de expôr-se ao ridiculo, prejudica-se muito seriamente, e, se teima, expõe-se á morte.

A primeira parabola em que elles fixaram esse pensamento é a que se segue:

Tendo o cameleão ou sinimbú se casado com a filha da raposa, e tendo conseguido pescar atirando-se de uma arvore sobre uma fogueira de folhas, que, graças á sua agilidade e á circumstancia de não ter cabellos no corpo, pôde atravessar impunemente; a raposa entendeu que podia fazer o mesmo. Não dispondo, porém,

da mesma agilidade do camaleão, e tendo o corpo coberto de pellos, o fogo prendeu-se-lhe, e ella escapou de morrer sem ter conseguido pescar.

Por esse motivo desfez o casamento. Tendo a moça de novo se casado com uma especie grande de Martim Pescador, e dispondo este, para a pesca, do seu formidavel bico, a raposa julgou que podia tambem pescar atirando-se de cima de uma arvore, como aquelles passaros fazem; ella, que não dispunha nem de azas, nem de bico, foi mordida por um peixe e escapou de morrer. Desfez tambem o casamento, attribuindo ao genro a desgraça, filha, unicamente de sua fatuidade.

No terceiro episodio, casou a filha com um maribondo ou caba, que, graças a suas azas, pôde roubar peixe secco de um varal de pescadores. A raposa, sem attender que não tinha azas, tentou fazer a mesma cousa, resultando de sua fatuidade o perder a cauda no dente dos cães que estavam de vigia ao varal. Desfez ainda este casamento.

No quarto e ultimo episodio fez casar sua filha com o carrapato, o qual, tendo conseguido quebrar ouriços de castanha, mandando jogal-os sobre sua cabeça, que é molle; a raposa entendeu que podia fazer o mesmo, e morreu

com a pincada que levou sobre a cabeça.

§ I

M'CURA RA'IRA OIUMÉNDARI CINIM'ã
Da raposa a filha casa-se com o sinimbú

Cinim'ã, ipahá, ocika micúra róca opé.
O sinimbú, contam, chegou da raposa casa em.

— Ne caárúca, micúra.
— Boas tardes, raposa.

— Indaué; reiké, reuap'ka; mäháta remunhã
— As mesmas; entre, assente-se; o que fazendo

reikó?
estás?

— Intimahã mahã; xa iúre ne p're.
— Nem uma cousa; eu venho com você ter.

— Mäháta ahé?
— O que ha?

— Ndé pa rerekó ne ra'ira cunhã mucú
— Tu por ventura tens tua filha moça

ãna?
já?

— Xa rekó.
— Eu tenho.

— *Xa iúre xa iururé ceremirecô arâma.*
 — *Eu venho pedil-a minha mulher para.*

Mjçúra ocenô i raçira, onhehe:
 A raposa chamou sua filha, disse:

— *Remendári putári serâ quahá apgáua?*
 — *Casar queres com este varão?*

Taçira oçuaxára:
 A filha respondeu:

— *Xa putári.*
 — *Eu quero.*

— *Aramé kuçukúí uâna ahé, reiumendári.*
 — *Então eil-o ahí, casem-se.*

Amú ára riré, mjçúra ocenô i raçira,
 Outro dia depois, a raposa chamou sua filha,

onhehe:
 e disse:

— *Renhehê ne mēna çupé, xa ú putári*
 — *Dize teu marido a, que eu comer quero*

pirá.
 peixe.

Cunhã mucú onhehê i mēna çupé; aité
 A moça disse seu marido a; elles

oiúruári âna igára upé, oçô âna çuáindápe
 embarcaram-se canôa em, foram outra margem

keté. Aité oçka, cinimã omundú ximirecô
 a. Elles chegarem, o sinimbú mandou sua mulher

oiúca xipó ixupé. Ahé oiupiri mĩrá recé,
 tirar cipó para elle. Elle subio arvore sobre,

onhehê ximirecô çupé:
 disse sua mulher a.

— *Remuat'ri cahá ceia; ceia ramé âna.*
 — *Amontôe folha muita; muita quando tiver,*

remund'ca tatá i recé.
 acenda fogo ella sobre.

Cunhã mucú omunhã mai cinimú omundú âna.
 A moça fez como o sinimbú mandou.

Tatá turuçú âna ramé, cinimã onhehê iuaté çuí.
 O fogo grande já quando, o sinimbú disse de cima.

— *Aiqué xa çó!*
 — *Lá me vou!*

Opúri tatá p'itérape, oiapumã çupé,
 Pulou do fogo meio em, mergulhou agua na,

uíre çuáindápe, oçapucái ximirecô recé:
 baiou do outro lado, gritou sua mulher por:

— *Reçúri igára, puc' reté quahá pirá!*
 — *Traga a canôa, pesado muito é este peixe!*

Aité oiuruári âna tucunaré uaçú irúmo,
 Elles embarcaram-se tucunare grande com,